

Carolina Esselin de Sousa Lino

**O sonho da injeção de Irma:
a inauguração da Psicanálise nas falhas do saber**

Belo Horizonte

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

2010

Carolina Esselin de Sousa Lino

**O sonho da injeção de Irma:
a inauguração da Psicanálise nas falhas do saber**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Estudos Psicanalíticos

Orientador: Prof. Jesús Santiago
Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
2010

150 Lino, Carolina Esselin de Sousa
L758s O sonho da injeção de Irma [manuscrito] : a inauguração da psicanálise nas
2010 falhas do saber / Carolina Esselin de Sousa Lino. -2010.

95 f.

Orientador : Jésus Santiago.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

1.Psicologia – Teses. 2.Psicanálise – Teses. 3. Verdade – Teses. 4. Sexo – Teses.
5.Mulheres – Comportamento sexual - Teses. I. Santiago, Jésus. II. Universidade Federal
de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO “O sonho da injeção de Irma: a inauguração da psicanálise nas falhas do saber”.

Aos vinte e oito dias do mês de junho de dois mil e dez, perante a Comissão Examinadora constituída pelos professores: Dr. J3sus Santiago (orientador), Dr. Jeferson Machado Pinto e Dra Maria Jos3 Gontijo Salum; a aluna **Carolina Esselin de Sousa Lino**, do Programa de P3s-gradua33o em Psicologia da UFMG, submeteu-se 3 defesa de sua disserta33o intitulada **“O sonho da inje33o de Irma: a inaugura33o da psican3lise nas falhas do saber”** e, de acordo com os dispositivos regimentais, obteve aprova33o de todos os membros da Comiss3o Examinadora. Do que para constar, lavrou-se a presente ata, que ser3 assinada pela Comiss3o Examinadora. Belo Horizonte, 28 de junho de 2010. XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

.....

.....

.....

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Psicologia

Dissertação intitulada: “O sonho da injeção de Irma: a inauguração da Psicanálise nas falhas do saber”, de autoria da mestranda Carolina Esselin de Sousa Lino, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Jesús Santiago – FAFICH/UFMG - Orientador

Prof^a. Dr^a. Maria José Gontijo Salum – PUC-MG

Prof. Dr. Jeferson Machado Pinto – FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 28 de junho de 2010.

*Dedico aos meus pais amados, Carmen Esselin de Sousa Lino e Wellington de Sousa Lino, às
minhas queridíssimas irmãs, Mônica, Débora e Marina,
e ao meu bem, Rafael Ramos Cardoso.*

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador durante o mestrado, Professor Dr. J3sus Santiago, pelo apoio, cuidado e indica33es preciosas; ao Professor Dr. Frederico Feu que no exame de qualifica33o soube me transmitir o olhar do leitor de forma muito gentil; aos professores do curso de gradua33o em Psicologia da UFMG que me iniciaram na leitura psicanal33tica, especialmente Professor Dr. Luis Fl3vio Couto; ao Professor Dr. Ant3nio Teixeira, pela precis33o das refer33ncias em Jean-Claude Milner; 33 Professor Dra. 33ngela Vorcaro, pela acolhida no grupo de estudo do *Sem. 16* de J. Lacan; aos meus colegas do mestrado, especialmente, Ariana e F3bio. Agradeço, ainda, a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realiza33o deste trabalho.

Resumo

Com o objetivo de esclarecer a especificidade do saber na Psicanálise, empreendemos um estudo do sonho freudiano da injeção de Irma, privilegiando a distinção feita por Jacques Lacan entre saber e verdade e a relação da Psicanálise com o saber científico. A partir das associações de Freud em torno do sonho em questão, enfocamos três pontos principais, quais sejam, o fracasso dos estudos e intervenções freudianas pautados nos ideais da ciência daquele momento, principalmente o *episódio da cocaína*; a falta de representação para a sexualidade feminina sob a forma da garganta insondável de Irma; e finalmente a emergência da solução simbólica sob a fórmula da trimetilamina. Para delinear esse impasse no saber, utilizamos os conceitos de recalque e de feminino, e fizemos uma articulação entre a inauguração do inconsciente e a operação fálica que afeta tanto a cadeia significativa quanto o gozo. No que diz respeito à ciência, consideramos o infinito como impossibilidade do saber, que é remediada com a escrita da série dos números inteiros como um saber no real. Seguimos, então, para a consideração da fórmula da trimetilamina como resposta simbólica mobilizada no sonho a partir do encontro com o impasse no saber. A insistência da cadeia significativa após o encontro com o real foi justificada pelo entendimento da verdade como causa do saber, do discurso da histeria como produção de saber e da suposição de saber de Freud na figura de Fliess. As contribuições de Lacan possibilitaram uma discussão sobre a função da letra na escrita do inconsciente. Concluímos que a mais importante conseqüência do fracasso dos ideais científicos nos estudos freudianos foi não apenas a consideração da dimensão simbólica nos sintomas neuróticos, mas o estabelecimento de um saber que, na Psicanálise, questiona o universal para priorizar o particular. A verdade, o gozo não-todo fálico e o real, foram localizados como índices da radical incompletude desse saber. Se a ciência eliminou a verdade para tornar possível um saber direto no real, a Psicanálise promove o retorno da verdade como efeito de gozo nas falhas do saber.

Palavras-chave: saber, verdade, gozo, real, sexualidade feminina.

Abstract

In the attempt to clarify the specificity of knowledge in Psychoanalysis, we undertook a study of the Freudian dream of Irma's injection, privileging the distinction made by Jacques Lacan between knowledge and truth and Psychoanalysis' relation with the scientific knowledge. From Freud's associations around the dream in question, we focused on three main points, the failure of Freudian studies and interventions guided by the ideals of science that moment, especially the episode of cocaine; a lack of representation for female sexuality in the form of Irma unfathomable throat; and finally the emergence of symbolic solution of trimethylamine formula. To delineate this impasse in the knowledge, we used the concepts of repression and female, and made a link between the opening of unconscious and the phallic operation that affects the signifying chain and the enjoyment. In the science relations, we consider the infinite as the impossibility of knowing, which is remedied by the writing the series of integers as knowledge in the real. We proceed, then, to a consideration of trimethylamine's formula as a symbolic construct mobilized, in the dream, from the encounter with knowledge impasse. The insistence of signifying chain after the encounter with real was justified by the understanding of truth as the cause of knowledge, the discourse of hysteria as the production of knowledge and Freud's supposition of knowledge in the figure of Fliess. The contributions of Lacan provided a discussion on the role of letter writing in the unconscious. We conclude that the most important consequence of the failure of scientific ideals in the Freudian studies was not only the consideration of the symbolic dimension in neurotic symptoms, but the establishment of a Knowledge that, in psychoanalysis, questions the universal to prioritize particular. The truth, the non whole phallic jouissance, and the real, were located as indices of the radical incompleteness of this knowledge. If science has eliminated the truth to make possible a direct knowing in real, psychoanalysis promotes the return of truth as the enjoyment in the failures of knowledge.

Keywords: knowledge, truth, *jouissance*, real, female sexuality.

Sumário

Introdução	11
Capítulo 1: Injeções de cocaína: o encontro de Freud com o limite da ciência	17
1.1 - Saber e verdade, ciência e Psicanálise.....	17
1.2 - A comunidade científica de Freud.....	22
1.3 - A culpa de Freud e o desejo de estar errado.....	25
1.4 - A cocaína como objeto do saber freudiano.....	28
1.5 - A divisão subjetiva e o apelo ao outro.....	33
1.6 - O “fora” da escritura.....	36
Capítulo 2: A garganta insondável de Irma	42
2.1 - A dimensão simbólica na instabilidade do sentido.....	42
2.2 - O encontro de Freud com a sexualidade feminina.....	46
2.3 - A elaboração lacaniana do feminino e a lógica do não-todo.....	50
2.4 - A morte em associação com o impossível de saber.....	59
2.5 - O saber no real.....	61
Capítulo 3: A emergência da fórmula simbólica da trimetilamina	67
3.1 - A verdade como enigma que mobiliza o saber.....	67
3.2 - A produção do saber no discurso da histeria.....	70
3.3 - A suposição de saber em Fliess.....	73
3.4 - Processos de formação simbólica no inconsciente.....	78
3.5 - A fórmula escrita e as funções da letra.....	82
Conclusão	90
Referências bibliográficas	92

Introdução

A hipótese do inconsciente sugere uma posição de ignorância especial do sujeito diante daquilo que o determina, uma vez que algumas conexões essenciais do sintoma são recalçadas. Essas conexões formam entre si um saber que, mobilizado por um sentido obscuro de uma verdade desconhecida, atualiza-se na fala, independentemente da intenção do sujeito. De acordo com Lacan (1985 [1971-73], p.119), “o inconsciente é suposto pelo fato de que no ser falante há em algum lugar algo que sabe mais que ele”. Apesar dessa afirmação, a dimensão da verdade foi muito mais enfatizada na Psicanálise, enquanto o saber era desmerecido, como se fosse um correlato apenas da razão consciente responsável pelo abafamento da verdade inconsciente. Assim, partindo da consideração geral da Psicanálise, saber e verdade não se igualam, são termos distintos, e estabelecem uma relação recíproca de aproximação, ou de oposição, de exclusão, dentre outras. Notamos uma necessidade de esclarecer, portanto, na própria Psicanálise, o estatuto do saber, já que em alguns momentos ele é considerado oposto à verdade do inconsciente e, em outros, ele ocupa o próprio lugar do inconsciente.

A formulação de Lacan (1998 [1965-66]) da divisão do sujeito entre o saber e a verdade contribuiu para que tal discussão ganhasse cada vez mais nosso interesse. Em nosso entendimento, esta afirmação sugere a enorme relevância da questão para a Psicanálise, na medida em que ela orienta a localização do sujeito afetado pelo inconsciente. Assim, o rechaço do saber, quando consideramos a posição de desconhecimento do sujeito, torna-se digno de um esclarecimento. Afinal, o saber está intimamente ligado à condição da verdade e precisamos localizar a natureza de seus limites, bem como a sua função na Psicanálise.

Com o amadurecimento do projeto de mestrado, caminhamos para uma forma mais concreta de abordar o tema. Foi assim que **o sonho freudiano da injeção de Irma**, que aparecera inicialmente como apenas um exemplo da mobilização do saber na Psicanálise, tornou-se o campo de investigação primordial da pesquisa. Empreendemos um estudo deste sonho, considerado paradigmático para a Psicanálise, com o intuito de esclarecer a especificidade do saber nesta disciplina. A dimensão da verdade não foi nosso foco, mas o deslindamento da natureza do saber mostrou-se em íntima relação com a verdade em causa, o

que tornou a sua consideração imprescindível durante grande parte do trabalho. Outra orientação foi a noção de saber na ciência, que serviu-nos de contraponto e baliza para localizar as especificidades do saber na Psicanálise. O sonho da injeção de Irma revelou-se verdadeiramente profícuo no que se refere a essa discussão.

Freud, em uma carta endereçada a Fliess datada de 12 de junho de 1900, identifica o sonho da injeção de Irma como responsável pela inauguração da Psicanálise, e a sua análise considerada satisfatória, porém incompleta, marcaria, pois, a descoberta do segredo dos sonhos. Isso quer dizer que alguma coisa não trivial foi revelada a Freud nesse momento, digno de que a partir daí um novo discurso fosse inaugurado. Durante a pesquisa, procuramos nos concentrar nos elementos oferecidos por esse sonho, que nos serviu de guia. Portanto, nosso ponto de partida para cada conclusão a respeito das condições do saber na Psicanálise foi o próprio sonho, seguido das análises de Freud e das contribuições lacanianas.

Lacan (1985 [1954-55], p.192) esclarece a importância do sonho da injeção de Irma ao afirmar que, durante a análise deste sonho, Freud estava num momento intenso de pesquisa, aberto tanto às certezas quanto às dúvidas, e que ele é parte da pesquisa e da descoberta freudianas, já que ele é um sonho de quem se pergunta o que são os sonhos. Por conseguinte, justifica-se o nosso interesse pelas possíveis contribuições deste fragmento para o desenvolvimento da Psicanálise, mesmo que ele seja produto do inconsciente e não de um avanço teórico racional e sistemático.

O sonho da injeção de Irma está relatado na *Interpretação dos Sonhos*, publicado em 1899 com a data de 1900, e ocorreu a Freud na noite de 23 para 24 de julho de 1895 na estação de Bellevue, a estação de veraneio em Viena aonde ia frequentemente durante as férias. Irma era uma amiga da família de quem Freud tratava. Segundo historiadores, o nome verdadeiro dela era Emma Eckstein. Freud descobriu muitas coisas através da interpretação desse sonho composta por 19 partes. Em cada uma delas um significado que antes era desconhecido vem à consciência de Freud. De acordo com Lacan:

O que desabou sobre Freud a partir do sonho de Irma não foi apenas o fato de ser ele o criador desses pequenos enigmas que não ultrapassavam a dimensão do seu próprio eu, mas sim um enigma muito mais vasto cujo criador não era ele, mas seu inconsciente (1985[1954-55], p. 217).

Dessa maneira, uma das principais descobertas de Freud nesse momento, digna de marcar o nascimento de um discurso inédito, foi aquela da dimensão produtiva do

inconsciente como uma “máquina de sonhar”, cujo funcionamento transcreve verdades subjetivas de forma enigmática através de operações simbólicas específicas à mercê da intenção consciente. Isso não poderia deixar de ter consequência para a relação mantida com o saber e com a verdade.

Eis o relato do sonho da injeção de Irma:

Um grande salão – numerosos convidados, que estávamos a receber: Entre eles, estava Irma. Imediatamente levei-a para um lado, como se para responder a sua carta e repreendê-la por não haver aceitado ainda a minha ‘solução’. Disse-lhe o seguinte: ‘Se você ainda sente dores, é realmente por culpa sua.’ Respondeu: ‘Se o senhor pudesse imaginar que dores tenho agora na garganta, no estômago e no abdome... estão me sufocando...’ Fiquei alarmado e olhei para ela. Estava pálida e inchada. Pensei comigo mesmo que, afinal de contas, deixara de localizar algum mal orgânico. Levei-a até a janela e examinei-lhe a garganta, tendo dado mostras de resistência, como as mulheres com dentaduras postiças. Pensei comigo mesmo que realmente não havia necessidade de ela fazer aquilo. – Em seguida, abriu a boca como devia e no lado direito descobri uma grande placa branca; em outro lugar, localizei extensas crostas cinza-esbranquiçadas sobre algumas notáveis estruturas crespas que, evidentemente, estavam modeladas nos cornetos do nariz: Imediatamente chamei o Dr. M e ele repetiu o exame e confirmou-o... O Dr. M tinha uma aparência muito diferente da comum; estava muito pálido, claudicava e tinha o queixo escanhado... Meu amigo Otto estava também agora de pé ao lado dela, e meu amigo Leopold auscultava-a através do corpete e dizia: ‘Ela tem uma área surda bem embaixo, à esquerda.’ Também indicou que uma porção da pele no ombro esquerdo estava infiltrada. (Notei isso, da mesma forma que ele, apesar do vestido.)... M. disse: ‘Não há dúvida que é uma infecção, mas não tem importância; sobrevirá a disenteria e a toxina será eliminada.’... Estávamos diretamente cômicos, também, da origem da infecção. Não muito antes, quando ela não estava se sentindo bem, meu amigo Otto aplicara-lhe uma injeção de um preparado de propil, propilos... ácido propiônico...trimetilamina (e eu via diante de mim a fórmula desse preparado em grossos caracteres)... Injeções dessa natureza não devem ser feitas tão impensadamente... E provavelmente a seringa não devia estar limpa (FREUD, 1972 [1900], p. 115).

Para a análise do sonho, selecionamos três aspectos principais contidos nele tendo como critério a possibilidade de que, a partir deles, pudéssemos esclarecer as condições do saber na Psicanálise. Cada aspecto foi abordado em um capítulo. Portanto, no **primeiro capítulo**, abordamos a questão dos erros médicos presentes em algumas experiências profissionais vividas e lembradas por Freud, especialmente aquela conhecida na literatura psicanalítica como *episódio da cocaína*, que está presente no sonho da injeção de Irma sob vários aspectos.

A pesquisa sobre a cocaína se desenvolveu sob os principais ideais da ciência daquele momento, mas foi concluída com a conotação de fracasso. Utilizamos a bibliografia biográfica para apresentarmos a relação de Freud com a cocaína, principalmente Ernest Jones

e Peter Gay. Além disso, os textos de Jean Allouch e Jésus Santiago acerca da pesquisa de Freud sobre a cocaína nos auxiliaram na localização do significado que elas podem ter tido para o psicanalista. O termo “*allogrion*”, utilizado por Freud para designar tais pesquisas foi amplamente discutido, principalmente através das contribuições de Jacques Derrida sobre o sentido do termo em Platão, o que culminou em um esclarecimento sobre as diferenças entre o pensamento platônico e laciano no que diz respeito à relação entre semblante, verdade e aparência. Através da consideração do semblante, a ciência foi questionada e contraposta à Psicanálise. Acreditamos que o encontro de Freud com os limites da ciência, por ocasião de seus tratamentos mal-sucedidos, foi fundamental para que ele pudesse se reorientar em direção a uma nova relação com o saber marcada pela particularidade do caso a caso.

No **segundo capítulo**, a questão esboçada é a opacidade da garganta de Irma que atualiza a lacuna no saber, já que resistência, como pudor, mistura-se com a impossibilidade real de acessar a dimensão desconhecida da sexualidade da mulher. Partimos então para a análise da resistência da paciente em colaborar com o tratamento que lhe propunha Freud como solução para seu conflito, qual seja, a descarga sexual e a verbalização da experiência traumática. Quando Irma, enfim, cede e abre a boca, o exame se mostra confuso e a garganta insondável.

Para investigar o sentimento de pudor que acomete a paciente utilizamos o texto laciano “*A significação do falo*” (1958), pois, ao investigarmos a noção de feminino, reencontramos o conceito de falo na medida em que deixa escapar o gozo Outro. No que diz respeito à discussão sobre o gozo feminino, demonstramos como pode haver uma confusão entre o gozo postulado pela histérica como absoluto, e o gozo Outro especificado por Lacan como não-todo. A conclusão foi que a presença da mulher mediada pela interrogação histérica nos momentos iniciais da Psicanálise foi essencial para a determinação da natureza de um saber não-todo, ou seja, que não recobre tudo e que não se aplica de forma total às dimensões da vida psíquica.

Outra indicação laciana para entendermos a impossibilidade de representação da garganta de Irma é o conceito de real como correlato do impasse na simbolização, uma vez que ele permite situar o limite do qual se trata no saber. Realizamos um estudo deste conceito nos seminários *De um Outro ao outro* (1968-69 – Sem.16) e *O avesso da Psicanálise* (1969-70 – Sem. 17). O real, em sua aproximação com o infinito não-sabido, levou a uma

articulação muito interessante entre a invenção de um saber no real, tal como a escrita da série infinita dos números inteiros, e o processo do recalque, que inaugura uma série de significantes no inconsciente a partir do encontro do sujeito com o não sabido no momento de eclosão da sexualidade. A verdade recalçada, que exerce uma atração sobre as representações com as quais consegue se conectar para formar um saber no inconsciente, foi aproximada da dimensão do significante inventado por Cantor, chamado *Aleph 0*, que possibilita a escrita da série infinita dos números inteiros.

Nesse momento, tendo como referência as noções de infinito e do saber que incide sobre o real, ciência e Psicanálise se aproximaram, para em seguida, ao recuperarmos a noção de verdade, se distanciarem novamente. Demonstramos que, mesmo considerando o saber no real, tal como a ciência propõe, a Psicanálise mantém a sua especificidade ao promover o retorno da verdade nas falhas do saber, a partir da incidência do real. Se a ciência se restringe ao par saber e real ao eliminar a verdade, o que nos concerne foi delimitado em no mínimo três termos, saber, verdade e real.

No **terceiro capítulo**, realizamos uma análise das condições de emergência da fórmula da trimetilamina. Diante do impossível de saber, ao encarar a garganta obscura de Irma, Freud se dirige à buscada palavra que mediará esta falta no simbólico. Privilegiamos os processos de formação simbólica diante do objeto recalçado, não reconhecido ou não sabido. O discurso da histeria, a incitação ao saber através do enigma, a suposição do saber de Freud em Fliess são alguns exemplos de mobilização do saber. Foi possível demonstrar a relação entre a incitação ao saber na Psicanálise e o efeito de redução do sentido pelo retorno do gozo que havia sido excluído. A verdade e o gozo, sob a forma do enigma, são localizados como o que havia sido eliminado pelo discurso da ciência, e os seus retornos nas falhas do saber marcam a especificidade da Psicanálise.

O efeito da busca freudiana pela palavra é a emergência da fórmula da trimetilamina, que traz à tona a especificidade da linguagem do inconsciente como um tipo de escritura que bordeja o impossível de saber. Trabalhamos com a hipótese de que a fórmula seria da ordem da verdade recalçada, já que ela tem a conotação de algo desconhecido que se revela como o objeto buscado por Freud. A novidade foi, para nós, a configuração algébrica, e não apenas significante, que tornou possível a emergência de tal verdade.

Assim, privilegamos a fórmula da trimetilamina em seu aspecto material, ou seja, calcada em letras, e através das indicações de Lacan, empreendemos ainda uma análise das condições de emergência e usos da letra. Utilizamos principalmente os seminários lacanianos *O avesso da Psicanálise* (1969-70 – Sem. 17) e *De um discurso que não seria do semblante* (1971 – Sem. 18). Assim, foi possível interrogar o significante a partir da letra, e indicar, a partir da consideração da letra no procedimento de formalização, uma nova relação entre a Psicanálise e a ciência. O recurso à ciência na Psicanálise mostrou-se uma forma de verificação da instabilidade da verdade. Ao final, o esforço de formalização resultou na queda do semblante que situava a verdade, e o saber foi novamente interrogado em sua função diante da verdade e do real como impossível.

Capítulo 1

Injeções de cocaína: o encontro de Freud com o limite da ciência

“Certa ocasião produzi grave estado tóxico numa paciente, receitando repetidamente o que na época era considerado um remédio inofensivo (sulfonal), e apressadamente recorrera à assistência e apoio do meu experiente colega mais antigo (sênior)” (FREUD, 1972 [1900], p. 120).

1.1- Saber e verdade, ciência e psicanálise

Todos nós sabemos que, de início, Freud era médico e se dedicava à pesquisa do sistema nervoso de enguias no laboratório de fisiologia de Brucke. Não podemos ignorar o fato de que, inicialmente, ele tenha escolhido a medicina como profissão, tal como esta se apresenta, impregnada pelo ideal da ciência. Para que a Psicanálise, enquanto investigação dos processos mentais inconscientes, fosse inaugurada, foi preciso um percurso de obstáculos e deslocamentos, no qual tanto o discurso quanto o campo de interesse de Freud foram transformados de forma inédita. Nota-se a enorme distância entre o sistema nervoso de pequenos animais e os processos inconscientes envolvidos na formação dos sonhos e nos sintomas de pessoas neuróticas. Pelo que é indicado, o nascimento da Psicanálise foi resultado de um deslocamento bastante interessante no que diz respeito ao corte no discurso da ciência.

Embora a investigação freudiana mirasse a ciência, a ponto de Lacan afirmar que existe em Freud um cientificismo, esta relação não é tão clara e passa por questionamentos. Podemos dizer que a Psicanálise mantém uma relação particular com a ciência tendo-se em vista os limites desta. A distinção, e também a articulação, entre campo psicanalítico e campo

científico atravessa grande parte do ensino lacaniano sem, no entanto, se fixar em algum ponto determinado. Com uma primeira leitura, somos convidados a localizar na experiência de Freud com o laboratório de fisiologia de Brucke, tanto o encantamento quanto o prenúncio de um rompimento com o ideal de ciência veiculado em tais pesquisas. O que nos interessa é investigar o que especificamente Freud encontrou no saber científico que lhe motivou a fundar uma nova relação com a verdade e com o saber.

Nas divergências da relação entre a Psicanálise e a ciência podemos destacar a legitimidade que Freud atribuiu a uma verdade calcada nas fantasias. Embora uma interpretação rasteira do que seja a ciência moderna verse sobre a correspondência ideal dos pensamentos com a realidade externa, Freud (1976, p.34), nas *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* (1915-16), expõe sua opção por não evitar as influências internas e os fatores individuais e critica o equívoco da ciência e do senso comum em considerar a consciência como o que define o psíquico. Enquanto a ciência se limita ao que é cognoscível, a Psicanálise se vê compelida a sustentar que existe o pensar inconsciente e o desejo não apreendido. Essa posição de Freud demonstra que a Psicanálise não se restringe ao que é estabelecido como prioridade pelo programa científico de sua época. Mas como se deu essa ultrapassagem, tendo-se em vista que, inicialmente, Freud se instalara dentro dos limites da ciência?

A perspectiva de Freud (2005, p.94) a respeito das perturbações que suas descobertas causavam na ciência pode ser distinguida na previsão que realiza em seu texto *História do Movimento Psicanalítico* (1914), no qual afirma que a ciência ignoraria por completo a Psicanálise enquanto ele vivesse, mas que, décadas depois, alguém, infalivelmente, chegaria aos mesmos resultados, conseguindo que eles tivessem sua validade científica reconhecida. Sendo assim, fica patente que, para Freud, não se tratava de oposição à ciência, mesmo que os resultados e formulações a que ele chegava revelassem os limites dela. Na verdade, a sua posição em relação à ciência é entendida como cientificismo. Jean-Claude Milner explica o que concordamos em chamar de cientificismo de Freud na medida em que aí se reconhece a função do ideal da ciência. A respeito do ideal da ciência afirma Milner (1996, p. 30): “trata-se com efeito de um ponto ideal— exterior ou infinitamente distante— para o qual tendem as linhas retas do plano e que ao mesmo tempo pertence a todas e nelas nunca se encontra”. Ao identificar a ciência como um ideal para o futuro, Freud estabelece para a Psicanálise a

ciência como ponto exterior ou infinitamente distante, mantendo uma relação de interdependência e referência entre esses dois campos. Isso significa que uma transformação no campo da ciência atingiria a posição da Psicanálise, uma vez que esta se mira naquela. O fato é que a coincidência entre Psicanálise e ciência não se consuma, pois o encontro é adiado para um futuro cada vez mais distante, a exemplo do cruzamento no infinito de retas paralelas. Freud não desiste de alcançar a ciência, mas também não se desapega de seu interesse primordial de estudo, qual seja, a causa sexual no desenvolvimento da neurose, encontrando-se em uma encruzilhada na qual, por um lado, tende ao ideal de ciência e, por outro, tende ao mistério da sexualidade. Temos aí a dimensão do paradoxo com o qual Freud se depara, na medida em que busca por um resultado ideal que não é efetivamente encontrado em suas investigações. A não concretização desse ideal mobiliza Freud em suas pesquisas, cujos resultados o dividem cada vez mais, ao mesmo tempo em que está e não está no campo da ciência.

Jacques Lacan (1998, p. 870) investiga as diferenças entre a Psicanálise e a ciência no texto *A ciência e a verdade* (1966), no qual apresenta a ciência como instalada pelo *cogito* cartesiano enquanto experiência que separa o saber da verdade. A ciência extrai a verdade do campo do conhecimento para que aí o saber possa ser depurado. Uma vez constituído o saber, a verdade é esquecida porque, do contrário, causaria uma disfunção e um erro ao saber. É importante estar atento àquilo que Lacan (1998 [1966], p. 878) salienta: “a inscrição não se grava do mesmo lado do pergaminho quando vem da impressora da verdade ou da do saber”. É apenas por um recurso à topologia, onde o direito e o avesso se misturam, que ambas as inscrições voltam a se encontrar. Assim, segundo Lacan, nesse texto, enquanto a ciência busca o saber, a Psicanálise se ocupa da dimensão da verdade que a ciência rejeitou para se tornar possível.

A interrogação que pode ser promovida nesse sentido diz respeito à função da verdade rejeitada pela ciência. E por outro lado, na Psicanálise, discutimos a dimensão do saber inaugurado quando se toma a verdade como prioridade. Lacan (2008 [1968-69], p.336) se pergunta se o psicanalista sabe ou não o que faz no ato psicanalítico, já que este só pode iniciar-se por um velamento do que será não apenas o término do processo, mas seu fim propriamente dito. A questão se coloca em termos da possibilidade ou não da comunicação do saber na Psicanálise. Enquanto na ciência o saber se comunica pelo fato de que aí o sujeito é

foracluso, na Psicanálise esse problema é levantado pelo obstáculo que a verdade subjetiva impõe à comunicação do saber. A dimensão da verdade, na elaboração psicanalítica, é apresentada como inércia e disfunção do saber, e é por isso que, de acordo com Lacan, ela deve ser eliminada na formação do saber científico. Assim é que a relação entre Psicanálise e ciência é instalada inversamente.

De acordo com Lacan, a verdade falta ao saber, e essa falta torna possível um saber determinado e totalizante. A verdade é tomada como causa de todo efeito, ou seja, aquilo que causa a articulação significativa, mas que permanece exterior a ela, não reabsorvida completamente. Nesse sentido Lacan interroga: “A verdade como causa, irão vocês, psicanalistas, recusar-se a assumir sua questão, quando foi a partir disso que se alçou sua carreira?” (LACAN, 1998 [1966], p. 883). Lacan se debruça sobre essa questão, procurando delinear um saber que não excluísse a sua causa, ou seja, a verdade. A proposta é que a verdade só reaparece na articulação como disfunção e erro no saber¹. A verdade almejada pelo psicanalista é aquela que se furta ao saber, surgindo apenas sob o disfarce de construções simbólicas aparentemente absurdas. É por isso que o ato falho, que pode tocar em algo da verdade é, para a Psicanálise, um ato bem sucedido.

Na Psicanálise, a noção do saber ganha uma definição conceitual a partir dos seminários lacanianos posteriores. Aí fica claro que a noção de saber se refere ao que se constrói através da ligação entre um significante e outro. Portanto, vincula-se mais à estrutura do dizer do que ao conteúdo do que se diz. “O que descobrimos na experiência de qualquer psicanálise é justamente da ordem do saber, e não do conhecimento ou da representação. Trata-se precisamente de algo que liga, em uma relação de razão, um significante S1 a um outro significante S2” (LACAN, 1992 [1969-70], p. 28). Ou seja, diferente do conhecimento e da representação, o saber seria a lei interna que rege as ligações entre significantes. O significante, por sua vez, é abordado em sua materialidade sonora, ou seja, destituído de uma significação ou de qualquer sentido pré-definido. O significante é o recurso utilizado pelo saber na inscrição enigmática de uma verdade sempre pela metade. Sendo o significante não idêntico a si mesmo, e operando regido por uma lógica da diferença, e não da identidade, ele funciona apenas como relação a outro significante, ou seja, na base de, no mínimo, dois significantes, mantendo assim sempre uma parte obscura, que difere daquilo que se diz

¹LACAN, 1985 [1954-55], p. 30.

propriamente. Interrogamos a proposta da Psicanálise ao colocar em tela uma noção de verdade que implica justamente aquilo que escapa ao saber, e um saber que é construído sempre de forma incompleta entre dois significantes. Estaria a Psicanálise interessada em fazer retornar uma verdade nas falhas do saber, ao modo do que Lacan sugere ao se referir ao sintoma?² O que podemos esperar do saber na Psicanálise diante da impossibilidade de se atingir a verdade?

Embora esteja definida a separação entre o saber e a verdade, pois, como vimos, o saber da ciência depende justamente desta separação e da conseqüente eliminação da verdade, esta distinção é variável, móvel. Acreditamos que a fronteira entre o saber e a verdade poderia ser observada em experiências diversas e não apenas na inauguração da ciência ou do discurso psicanalítico. Lacan sugere, em *Subversão do sujeito e dialética do desejo* (1960), que a divisão entre saber e verdade se dá como uma fronteira sensível. Dessa forma, algo se mexe na brecha entre saber e verdade, resultando em maneiras diferentes de relação entre essas dimensões presentes em qualquer discurso passível de enunciação. Nas palavras de Lacan (1998 [1960], p. 811): “nessa fronteira algo se mexeu naquele momento, talvez seja aí que a Psicanálise se destaca, por representar o advento de um novo sismo”. Esse sismo do qual fala Lacan teve lugar na experiência do *Cogito* cartesiano, na inauguração da ciência moderna, e é re-atualizado na abertura do campo psicanalítico. Assim, a ciência separa o saber da verdade, mas sutura essa lacuna através da eliminação da verdade conseguinte, também do sujeito. É o nascimento da Psicanálise que efetua novamente esse sismo. Será nessa fronteira entre saber e verdade que procuraremos a especificidade da Psicanálise em relação ao discurso da ciência no momento inaugural de sua criação.

Lacan distingue quatro diferentes relações entre o saber e a verdade, representando a ciência, a Psicanálise, a magia e a religião. Ele identifica a forma como cada um desses discursos lida com a verdade como causa, já que “nada é falado senão apoiando-se na causa” (LACAN, 1998 [1966], p.879). O que estabelece a particularidade de um discurso, portanto, é, para Lacan, a forma como a verdade desempenha sua função de causa em relação ao saber. A ciência lida com a verdade como causa formal, ou seja, causa de um saber formal reduzido ao manejo da letra tal como nas fórmulas matemáticas. A Psicanálise, por sua vez, lida com a verdade como causa material, apoiada no funcionamento do significante em sua materialidade

²LACAN, 1998 [1966], p. 234.

e não em sua significação. Se a relação com a verdade foi amplamente discutida na Psicanálise, não podemos dizer o mesmo da relação com o saber. No desenvolvimento do presente trabalho, buscaremos delinear a especificidade do saber na Psicanálise, saber este que foi inaugurado a partir de uma determinada relação com a verdade. Entrevemos, através das indicações dadas por Lacan e explicitadas nas páginas 20 e 21 desta dissertação, que a ênfase depositada na dimensão da verdade resultará em um saber marcado pelo erro e pela instabilidade do sentido.

1.2 - A comunidade científica de Freud

Recorremos ao sonho *princeps* da Psicanálise, o sonho freudiano com a injeção de Irma, para investigar a especificidade do saber psicanalítico, tendo em vista a sua diferenciação em relação à ciência. Já que esse sonho revela o passo decisivo de Freud em direção à Psicanálise, e se o corte com a ciência foi fundamental nisso, então, é esperado que aí se encontrem representados os elementos primordiais que o provocaram.

Realmente, um dos temas do sonho da injeção de Irma é a presença de colegas e de episódios que representavam para Freud o saber da medicina vigente na época, impregnado pelo ideal da ciência moderna. No conteúdo manifesto do sonho, temos os médicos: Otto, Dr. M e Leopold. Ao associar livremente em torno de tal conteúdo, vemos que Freud chega a alguns pensamentos que, embora não apareçam de forma explícita no sonho, estão contemplados indiretamente nele. Temos alguns exemplos. A injeção suja que causa um mal à saúde, bem como a inflamação na garganta, remete ao episódio no qual indicara injeções de cocaína que apressaram, há muitos anos, a morte de seu colega de medicina, amigo e paciente Fleischl. Embora Freud afirme que a sua indicação foi apenas a aplicação da droga pela via nasal, os textos biográficos revelam que ele teria também sugerido o uso da cocaína pela via intravenosa. Freud recorda também de seu grande amigo Fliess a partir da visualização de uma placa de infecção modelada nos cornetos do nariz da paciente e também através do composto químico trimetilamina. O autor Serge André (1998, p. 49) associa a injeção suja com o saber impuro da ciência desenvolvida por este último médico e amigo de Freud.

Procuraremos delinear, considerando a representação da medicina científica contemporânea de Freud e a presença dos colegas de profissão no sonho, a relação estabelecida por Freud com o saber veiculado por esse discurso. Afinal, que tipo de relação ligaria, no inconsciente de Freud, estes médicos, Otto, Dr. M., Leopold, Fleischl e Fliess, tão diferentes um do outro que remetem a histórias tão particulares na vida desperta do sonhador? E mais, porque a recordação da cocaína no momento inaugural da Psicanálise? Haveria aí alguma referência que ajudaria a esclarecer a relação com a ciência vislumbrada na inauguração do saber psicanalítico?

Pela via das fatalidades, Freud foi colocado próximo a ilustres médicos que naquele momento se deparavam com o problema da histeria. Ele ganhou uma bolsa de estudos para participar dos seminários de Charcot. É inquestionável o papel deste famoso neurologista francês ao sancionar uma atitude mais científica em relação à histeria nos círculos médicos daquela época. A sua reputação se deve em grande parte à conquista da histeria como campo de pesquisa respeitável (cf. JONES, 1989, p. 234). Porém, a respeito da causa sexual da neurose, Charcot não avançara, pois a tratava apenas com brincadeira. Certa vez, Charcot, em tom de anedota, prescreve um tratamento para as doenças nervosas do tipo histérico: “pênis normal, em doses repetidas”. Essa posição de Charcot não agradava Freud, pois para ele, era como se o mestre não escutasse o que ele mesmo dizia, ou seja, que a sexualidade exercia uma função no desencadeamento da neurose. Freud aproveitou a experiência para aguçar sua curiosidade. A respeito das piadas de Charcot sobre a sexualidade na origem da neurose, Freud (2005 [1914], p. 85) comenta que uma coisa é externar uma idéia uma ou duas vezes sob a forma de um *aperçu* passageiro e outra bem diferente é levá-la a sério, tomá-la ao pé da letra e persistir nela, apesar dos detalhes contraditórios, até conquistar-lhe um lugar entre as verdades aceitas.

Freud não se contenta com os ensinamentos desse mestre da neurologia e afasta-se na tentativa de, ao invés de fazer piada com a sexualidade, dar a ela uma formalização. Ao se afastar de Charcot, aproxima-se de Josef Breuer, rico e famoso médico fisiologista da época. Através dele, tomou conhecimento do caso da paciente Anna O., célebre paciente, aquela responsável por nomear a Psicanálise como *cura pela fala*. Anna O. foi atendida por Breuer até se apaixonar ardentemente por ele. Essa situação constrangedora fez com que esse respeitado médico fisiologista abandonasse o caso. Freud (2005, [1914], p.82) entende que a

relação da paciente com seu médico sob a forma francamente sexual é uma prova de que a sexualidade exercia função na causa da neurose. Sobre a construção explicativa que Freud desenvolvia sobre o sofrimento psíquico de Anna O., Charcot permanecia indiferente. Freud se aproxima mais de Breuer e forma com ele uma dupla de pesquisa sobre a histeria. Foi esta parceria que deu origem aos *Estudos sobre a histeria* em 1882. Por mais de uma década, Breuer lhe ofereceu incentivo, afeto, hospitalidade e apoio financeiro de grande necessidade, calorosamente recebidos por Freud. Já em 1891, as relações entre os dois homens começam a mudar (cf. GAY, 1989, p. 78). Naquele ano, Freud ficou profundamente desapontado com a acolhida que Breuer deu a *Sobre as Afasias*, que, como sabemos, fora dedicado a ele.

Os textos sobre a afasia são comumente evocados para situar a origem do conceito de “representação de palavra” e “representação de objeto”. O que vem atrapalhar a concepção clássica da afasia não é tanto a distinção de tipos de representação, mas a evidenciação de uma função, que Freud nomeia *Repräsentation*; uma função da qual ele dota o aparelho associativo da linguagem e que vem substituir a função de projeção atribuída ao funcionamento cerebral. A consideração de operações de representação que funcionam autonomamente no aparelho psíquico, ocasionando os distúrbios da afasia, não é acolhida pela medicina clássica, da qual Breuer era um dos expoentes. O que também colaborou para o rompimento entre os dois homens diz respeito ao fato de que, enquanto Freud estava cada vez mais convencido da origem sexual das neuroses, Breuer não podia aceitar facilmente a doutrina de que as perturbações da vida sexual constituíam o fator essencial da etiologia das neuroses. Tendo em vista a enorme idealização que Freud fizera do amigo, ele só conseguiria enxergar Breuer com olhos mais ponderados depois que sua auto-análise tivesse surtido algum efeito. A cooperação entre ambos teria tido fim por causa da relutância de Breuer em acompanhar Freud na investigação da vida sexual dos pacientes. O rompimento definitivo teria se dado no verão de 1894 (cf. JONES, 1989, p. 258).

Porém, enquanto Charcot fazia piada com o impasse da sexualidade no tratamento da histeria e Breuer desapontava Freud por não acolher o resultado de suas pesquisas, um médico chamado Wilhelm Fliess investigava com muita dedicação e uma crença inabalável a sexualidade feminina, constituindo, no nariz, um espelho do sexo da mulher. Fliess ocupará uma posição especial para Freud, tendo em vista o interesse compartilhado entre ambos sobre a questão da sexualidade. A relação entre Freud e Fliess, e a função exercida por este na

inauguração da Psicanálise, será mais bem discutida no Capítulo 3, quando nos determos sobre a emergência da trimetilamina no sonho com Irma.

Os mestres de Freud, representantes do discurso científico sobre a questão da histeria, exercem uma função no movimento inicial da Psicanálise. O sonho da injeção em Irma, ao ilustrar a relação de Freud com seus mestres, distingue pelo menos duas classes de médicos, aqueles que ignoravam a etiologia sexual das neuroses que Freud procurava formalizar, e aqueles, ou melhor, apenas um dentre eles, Fliess, que demonstrava interesse pela teoria freudiana da sexualidade. Veremos que a recordação de episódios ligados à medicina, e também aos colegas de profissão, é uma forma de Freud avaliar e julgar o discurso da ciência que ele próprio veiculou em seus tratamentos e pesquisas.

1.3 - A culpa de Freud e o desejo de estar errado

Tudo começou no dia anterior ao sonho, quando um colega de Freud comenta com ele que encontrou Irma e que ela não estava muito bem. Freud escuta, nesse comentário, um tom de desaprovação ao tratamento que ele dispensava à paciente e dá a esse colega o nome de Otto. Peter Gay esclarece ser ele Oscar Rie, pediatra dos filhos de Freud. O fato é que neste mesmo dia, tocado pela crítica deste colega, Freud se dá ao trabalho de escrever minuciosamente o caso de Irma para a apreciação de um amigo que era, na época, a principal figura daquele círculo de médicos e que recebeu no relato do sonho o pseudônimo de Dr. M.. De acordo com Gay, trata-se de Breuer que, além de ser um renomado médico, é mais do que um amigo para Freud, pois exercera grande fascínio e admiração sobre ele. O tom de desaprovação ouvido no comentário de Otto no dia anterior ao sonho é o que, segundo Lacan, vai colocar o sonho em movimento. Podemos ver que, no contexto de formação do sonho, Freud se questionava sobre os fundamentos da prática clínica e se pergunta onde estava a razão dos tratamentos dispensados.

Naquele momento, Freud dava os primeiros passos na construção de um saber ignorado pelo seu círculo de médicos, pois construía hipóteses inéditas a respeito do sofrimento psíquico da histeria. De acordo com Lacan (1985 [1954-55], p. 207), Freud “vive

numa atmosfera angustiante com o sofrimento de estar fazendo uma descoberta perigosa.” Como podemos notar através da correspondência com Fliess, Freud não se sentia autoconfiante a respeito de suas novas idéias. Foi com muita cautela que ele avançou e reformulou suas teorias. Portanto, tendo em vista a mistura de sua ousadia e cautela no momento de inauguração da Psicanálise, a notícia de que uma paciente não estava bem era motivo de grande angústia e reflexão. A principal dúvida era se Freud teria deixado de perceber alguma doença orgânica em Irma. Assim, o primeiro médico cuja reputação foi colocada à prova no sonho foi a do próprio sonhador.

No decorrer da análise do sonho, Freud (1972 [1900], p.120) afirma: “Parecia como se viesse colhendo todas as ocasiões que eu podia trazer contra mim mesmo como prova da falta de consciência médica”. Tal questionamento de sua consciência médica remete Freud a uma série de tratamentos pautados no ideal da ciência cujas conseqüências foram desastrosas. A culpa e o medo de Freud de deixar escapar alguma doença orgânica remetem-nos ao episódio ocorrido na vida desperta no qual Fliess, diante do pedido de auxílio de Freud, fez uma cirurgia no nariz de Emma Eckstein que resultou em um grave estado de saúde da paciente. Sob aspectos inequívocos, sua idade, sua viuvez, a histeria, e a ligação com a família de Freud, a mulher que Irma representa é Emma Eckstein (cf. GAY, 1989, p. 92). A mancha branca vista no fundo da garganta de Irma no sonho pode ser interpretada como sendo a gaze que havia sido encontrada na garganta de Emma após a cirurgia desastrosa realizada por Fliess.

Emma Eckstein sofria, além de seus sintomas histéricos, de dores e secreções sanguinolentas do nariz. Freud considerava os sangramentos como sendo de origens psíquicas, mas mesmo assim pediu a Fliess que examinasse Emma para não descuidar de uma enfermidade física. Fliess operou a paciente, mas as dores não diminuíram e foram intensificadas por abundantes hemorragias e um cheiro fétido. Alarmado, Freud chamou cirurgiões vienenses e Ignaz Rosanes, um especialista renomado, tirou coágulos de sangue grudados e de repente puxou da cavidade nasal um bom meio metro de gaze. Logo a seguir a paciente ficou branca, com os olhos saltados e sem pulso. Rosanes agiu com rapidez e o sangramento parou. Freud entendeu instantaneamente o que acontecera e, diante da calamidade, sentiu-se nauseado. Freud afirma que aquilo que o perturbava não fora a visão do sangue, mas a pressão das emoções quando compreendera o quadro da situação. Assim, Freud

assume que Emma era perfeitamente normal e que os sangramentos não eram de origem histérica, mas tinham sido provocados pela gaze esquecida por Fliess em sua cavidade nasal. Após o acontecido, segue-se na correspondência entre ambos um solene protesto de confiança inabalável de Freud em Fliess. A revelação do sofrimento da paciente como sendo decorrente de uma causa orgânica aliviara a culpa de Freud, que desculpa o colega e amigo e faz de tudo para consolá-lo e salvar a sua reputação (cf. GAY, 1989, p. 92).

Essa preocupação de Freud em manter a confiança em Fliess, em meio a um grave erro médico, dirige nossa atenção para a manifestação, no sonho, do desejo de Freud de estar errado, como ele próprio confessara da seguinte forma: “Ocorreu-me, de fato, que realmente estava desejando que tivesse havido um diagnóstico errado, pois, em caso afirmativo, a culpa por minha falta de êxito também teria sido eliminada” (FREUD, 1972 [1900], p. 117). O esquecimento da gaze no nariz da paciente traz à doença uma causa orgânica, enganando Freud em seu diagnóstico. Se ele erra no diagnóstico de histeria e os sintomas revelam sua etiologia orgânica, então, ele não poderia ser responsabilizado pela piora da saúde da paciente, já que sua especialidade era apenas o tratamento de sintomas psicogênicos. Também no sonho denominado “*Autodidasker*” (FREUD, 1972 [1900], p. 319), o desejo de estar errado como forma de se inocentar é aflorado no inconsciente de Freud. Mais precisamente, o que nos é apontado é o desejo de estar errado diante do saber de Fliess (cf. ANDRÉ, 1998, p. 49). Freud abre mão de seu saber sobre o diagnóstico para continuar seguindo o saber de Fliess. No sonho “*Autodidasker*”, Freud hesita em dar o diagnóstico de neurose a um paciente. Ele então consulta Fliess e este descarta a hipótese de uma afecção orgânica. Freud, assim mesmo, despede seu paciente dizendo que nada poderia fazer por ele. Para sua surpresa, o paciente confessa-lhe a causa sexual de seus sintomas, confirmando assim o diagnóstico de neurose.

Se Fliess decide pelo diagnóstico de neurose, Freud afirma ser doença orgânica. E vice-versa. A discordância de Freud se manifesta sob a forma de erro, já que o saber era depositado na figura proeminente de Fliess. O desejo de estar errado funciona de forma a livrar Freud de assumir as suas recentes descobertas que tanto o afastaram do círculo do saber médico hegemônico. Mas nesse último sonho criado pelo inconsciente freudiano, o paciente dá razão ao saber de Freud, mesmo que ele mesmo não tenha dado. Isso indica que Freud

questionava a legitimidade de suas descobertas, agindo com extrema cautela diante do saber já estabelecido.

A questão do desejo freudiano de estar errado para continuar dando razão aos colegas renomados da medicina demonstra, em nossa opinião, a dificuldade de Freud, neste momento inaugural da Psicanálise, de se desvencilhar da busca de reconhecimento científico. Freud (2005 [1914], p. 91) confessa que muitas vezes teve medo de se desorientar e de perder a confiança em si mesmo. Ele somente abrirá a via de um caminho único, nunca antes percorrido, ao se reposicionar em relação ao saber já estabelecido da ciência, responsabilizando-se pelo próprio saber.

1.4 - A cocaína como objeto do saber freudiano

Consideraremos agora outra associação de Freud que aproxima o estado de saúde precário de Irma a um erro médico. Trata-se do episódio denominado pela literatura psicanalítica como *episódio da cocaína*. O psicanalista o relembra da seguinte forma:

As placas nos cornetos me fizeram recordar uma preocupação que tive sobre o meu próprio estado de saúde. Vinha fazendo uso freqüente de cocaína naquela ocasião a fim de reduzir algumas incômodas inchações nasais, e ouvira, alguns dias antes, que uma de minhas pacientes que seguira meu exemplo desenvolvera extensa necrose da membrana mucosa nasal (FREUD, 1972 [1900], p. 119).

Aqui, novamente, a associação com uma fala dirigida a Freud em um tom de reprovação por suas indicações clínicas. E ele continua: “Havia sido o primeiro a recomendar o emprego de cocaína, em 1885, e essa recomendação trouxera sérias reprovações contra mim. O uso indevido daquela droga apressara a morte de um caro amigo meu” (FREUD, 1972 [1900], p. 120). O estudo freudiano sobre a cocaína se revelará como mais uma tentativa fracassada de legitimar o discurso sustentado na busca do ideal de reconhecimento científico. Recapitulemos a experiência de Freud com a cocaína.

Em junho de 1884, Freud terminara seu artigo “Über Coca”, no qual ele indicava o uso da cocaína para toda uma sorte de sintomas. De acordo com Peter Gay, e também Ernest Jones, Freud almejava, com tal estudo, uma fama que lhe trouxesse bons rendimentos financeiros para poder se casar. Ele estava a um passo de conseguir essa fama e, de fato, suas

pesquisas lhe trouxeram algum reconhecimento. No entanto, antes de concluir as pesquisas, Freud viajou para encontrar-se com sua noiva Martha e indicou a seu amigo Konigstein a realização de experimentos para averiguar a capacidade anestésica da droga. Quando ele retornou, dois colegas haviam feito tais experimentos e reivindicavam o mérito pela descoberta. Carl Koller apresentou os resultados em um congresso de oftalmologia e obteve com isso uma carreira de sucesso. Freud se retirou da cena de reivindicações porque acreditava que sua cota de responsabilidade na descoberta da cocaína estava garantida. Mas não foi bem o que aconteceu e o que restou dessa relação com a cocaína foi certa vergonha e sentimento de culpa devido à antecipação da morte de Fleischl por causa de sua indicação de que a droga pudesse ser injetada.

Freud conheceu Fleischl-Marxow quando ambos trabalhavam no laboratório de Ernst Brucke. Fleischl sofria gravemente do vício em morfina e Freud, tomado pelo desejo de ajudar o amigo, e após ler um artigo científico sobre o assunto, indica-lhe o uso da cocaína como forma de abster-se da outra droga. Quando a cocaína foi indicada a Fleischl, este imediatamente a administrou em si próprio sob a forma de injeções subcutâneas. Freud fica orgulhoso por vir em socorro de um paciente. Jean Allouch (1995, p. 26) chama atenção para a correspondência de Freud com sua noiva Martha, na qual ele confessa que a prescrição da cocaína o fez, pela primeira vez, sentir-se um médico. O que se segue é a piora de Fleischl, que logo viciara também em cocaína, chegando a um estado deplorável. Nas palavras de Ernest Jones (1989, p. 104): “o homem que tentara beneficiar a humanidade ou, em todo caso, criar reputação através da cura da neurastenia era agora acusado de desencadear o mal pelo mundo”.

Depois de 40 anos das pesquisas de Freud sobre a cocaína, ele escreveu uma carta a Wittels dizendo que entendera o que havia acontecido: o estudo da cocaína fora, para ele, um *alotrion*³. Ernest Jones resgata essa afirmação entendendo que Freud utilizara o termo para dizer que o seu interesse pela cocaína foi como a intrusão pontual de um elemento estranho e incompatível com o seu percurso sério em neurofisiologia. De acordo com essa interpretação, as pesquisas sobre a cocaína desviaram Freud de suas obrigações científicas, como se tivesse sido um passatempo. Duvidamos que a persistência com que Freud mediu, com precisão e rigor, os efeitos da cocaína, foi para ele apenas um passatempo, a despeito de sua seriedade

³Essa palavra grega significa tanto “outro”, quanto “estrangeiro”.

científica. Jesús Santiago (2001, p. 65) também questiona a interpretação que Jones faz sobre tal afirmação de Freud sobre esses estudos, justificando que talvez a metáfora do *alotrion* apareça no texto de Jones para destacar o sentido negativo que o interesse precoce de Freud pela cocaína tem para ele.

Jean Allouch (1995), por sua vez, também critica Jones, afirmando que talvez ele tenha se baseado no testemunho de Bernfeld, segundo o qual o termo *alotrion* servia aos professores do ginásio para designar pejorativamente aquilo que se desvia do cumprimento do dever em proveito de um capricho ou de alguma má ação qualquer. Segundo Allouch, ao agir assim, Jones perde de vista a concepção segundo a qual, “o consumidor de cocaína é essa figura onde se torna efetiva uma maneira de ser outra, uma maneira de ser que não é, justamente, qualificável por nada em particular” (ALLOUCH, 1995, p. 28). Percebe-se que Jean Allouch trata dessa forma a questão do consumo de cocaína e da toxicomania que, decididamente, não é o que nos interessa neste trabalho. Se Jones perde a dimensão do *alotrion* como “outro”, Allouch, por sua vez, enfatiza a cocaína como um objeto de consumo para Freud, deixando em plano secundário o fato de que o próprio uso da cocaína serve também aos propósitos de uma pesquisa científica e, sendo assim, a coca está no lugar de objeto do saber de Freud.

Freud introduziu, no campo de pesquisas da Europa, esse novo objeto de estudo trazido das terras longínquas do Peru. A novidade sobre a droga foi buscada com o intuito, não de escapar das exigências da ciência, mas, ao contrário, de submeter a ação da cocaína ao controle da racionalidade científica. De acordo com Jesús Santiago (2001, p. 65), a cocaína, como objeto até então desconhecido na Europa, mobiliza a paixão pelo saber, própria do pesquisador por natureza que se revela Freud em tais pesquisas. Se a droga provocava um estranhamento no campo científico, por permanecer como algo estrangeiro, então, Freud visa a desenvolver a ciência no sentido da reparação da lacuna provocada no saber pela cocaína.

Nos estudos sobre a cocaína, Freud seguia a ambição do programa científico que Lacan situa no trio Helmholtz, Brucke e Du Bois-Reymond. Lacan (2008 [1966], p.871) aponta a fidelidade de Freud ao cientificismo transmitido por esse programa. Trata-se de reduzir a fisiologia à termodinâmica, cujo princípio fundamental é a conservação da quantidade energética em um dado sistema, mesmo que esta energia se transforme qualitativamente. Desde os estudos sobre a cocaína, Freud busca uma explicação para a

manutenção do equilíbrio (homeostase) do organismo diante da sobrecarga de estímulos provenientes do exterior e também do interior do corpo. Mas o que nos interessa neste momento é notar que, nos estudos sobre a cocaína, Freud responde ao ideal de seus mestres da medicina através da busca da quantificação exigida pela lógica do programa científico.

Ao lado do ideal científico de quantificação, temos aquilo que Lacan (1998 [1936], p. 93) designa *hipótese substancialista* da libido. Tal hipótese resume o fato de que Freud perseguia um substrato material para a libido que permitisse quantificá-la. Dentro do programa da termodinâmica, tal como é, reducionista e calcado na biologia, procura-se uma comprovação do princípio de manutenção da quantidade de energia consumida na atividade biológica. A cocaína, conhecida naquela época como capaz de, ao ser ingerida, aumentar a disposição do corpo, despertou o interesse de Freud na esperança de que possibilitasse não apenas encontrar na fisiologia humana o mesmo princípio da termodinâmica, mas apreender materialmente a sexualidade, de forma a incluir a Psicanálise na trilha da ciência. Se para Freud, nesse momento, a sexualidade é correlata a uma substância material cujo excesso desestabiliza o equilíbrio do corpo e sendo a cocaína acreditada como capaz de intervir na quantidade energética do corpo, então, é como se a droga pudesse tocar algo da sexualidade. Essa maneira de entender a sexualidade, e também a etiologia da neurose, justifica a presença constante de substâncias químicas nos tratamentos dispensados por Freud naquela época, o que podemos observar na análise do sonho com Irma. A cocaína, exemplo paradigmático dessa concepção, estaria no ponto de convergência entre a busca de Freud e os ideais do programa Brucke, Helmholtz e Du Bois-Reymond. Estes últimos representam o ideal de reduzir a fisiologia à termodinâmica, enquanto Freud, com seu cientificismo, busca uma validação científica para as suas hipóteses.

Freud, em sua empreitada científica, arquiteta seu plano com muita precisão, utilizando-se inclusive de instrumentos rigorosos de medição. A teoria da termodinâmica multiplica as promessas de inclusão das hipóteses freudianas na ciência e ele foi capturado por elas. Nesse contexto em que Freud foca seus objetivos nos ideais da ciência aconteceram as suas pesquisas com a cocaína. Tendo em vista o aumento da capacidade de trabalho de pessoas que consomem a droga, por exemplo, soldados em guerra ou civis que passam fome, a hipótese é que a ingestão da droga modificaria a quantidade energética gasta em atividades do organismo. Os comentadores alternam ao interpretar o modo de funcionamento da

hipótese freudiana. Por um lado, Jean Allouch preconiza que Freud acreditava que a cocaína aumentaria a energia disponível inicialmente e que, só posteriormente, com os resultados obtidos, é que ele passou a acreditar que, na realidade, a droga funcionava poupando o gasto de energia. Por outro lado, Jesús Santiago (2001, p. 73) defende a idéia de que desde o início “essa droga agia em função do efeito de subtração da quantidade de força necessária para a realização de um dado trabalho”. O foco para a medição dos efeitos da cocaína é a atividade muscular, que terá sua força medida pelo dinamômetro antes e depois da ingestão da droga.

Foi justamente com o uso desse aparelho de medição, como representante da promessa de um saber preciso e coerente, que Freud vislumbrou a impossibilidade de alcançar seus objetivos. Ele constatou variações da força motriz que independem da cocaína. “Esta ação intervém não em uma constante, mas sobre algo que é por si mesmo variável” (ALLOUCH, 1995, p. 33). Às variações de um dia para outro Freud dá o sentido de uma manifestação geral do humor, e tal constatação começa a colocar um obstáculo à pretensão de quantificação, já que os efeitos conseguidos com a droga podem advir também na sua ausência. Freud explica que a cocaína provoca euforia, permitindo ao sujeito dispor de maior força muscular, e que seu efeito era apenas o preenchimento da diferença entre os maus e os bons dias. Sendo assim, outros fatores interferem na energia disponível, da mesma forma que o consumo da coca, e isso abala também a esperança de Freud em medir a libido. A cocaína aumentava a disposição ao trabalho da mesma forma que os dias felizes quando se está com bom humor. No texto *Ânsia e temor pela cocaína* (1887), Freud (1989, p. 172) chega à conclusão de que a ação irregular da cocaína reside nas variações individuais da excitabilidade. Com relação ao aspecto da influência da individualidade nas variações da força disponível ao trabalho, Jesús Santiago (2001, p.74) afirma que a apreensão desse fator de *disposição individual* associado ao *estado de bem-estar geral* representa a derrocada do ideal freudiano de quantificar a ação da cocaína. Freud, por sua vez, finaliza suas pesquisas sobre a cocaína concluindo que seus experimentos foram um fracasso total.

Ressaltamos que os estudos de Freud sobre a cocaína podem ser considerados um fracasso em relação aos seus objetivos naquele momento, mas foram fundamentais para seu primeiro encontro com a falha de um saber que se pretendia universal. Através dos estudos freudianos da cocaína, o programa científico esbarra na falha de um saber que se deve a uma particularidade inerente da dimensão incomensurável do bem-estar subjetivo. Freud entende

os efeitos nefastos da cocaína no caso de Fleischl como demonstração da impossibilidade de prever em que condições surgirá o estado tóxico. Essa impossibilidade do saber deve-se, exatamente, à extrema particularidade de cada sujeito, e a morte do paciente aparece como uma contingência, algo imprevisível que, como tal, traz um limite ao saber que Freud construía.

1.5 - A divisão subjetiva e o apelo ao outro

No sonho com Irma vemos atualizar-se a culpa e a vergonha de Freud pelos resultados fracassados dos estudos sobre a cocaína, que foram concluídos com a morte de um paciente e com o encontro com o impossível de prever. Mas Lacan, mesmo sabendo da influência que o episódio com a cocaína desempenha no sonho, não se contenta em interpretar o sonho da injeção de Irma pelo desejo do sonhador de descartar sua responsabilidade no fracasso do tratamento da paciente, colocando a culpa na injeção que lhe fora aplicada pelo colega. Em suas palavras: “À primeira vista, poder-se-ia dizer que o passo decisivo não foi dado, já que, no final das contas, trata-se apenas de desejo pré-consciente” (LACAN, 1985[1954-55], p. 194). Afinal, porque qualificar de desejo inconsciente o desejo de Freud de se desculpar pelos tratamentos mal-sucedidos se, na noite anterior ao sonho, Freud fizera exatamente isso ao escrever, conscientemente, o caso de Irma colocando o preto no branco? De acordo com Lacan, não se pode chamar este desejo de outro modo a não ser de pré-consciente ou de inteiramente consciente. Na análise de Freud, ele reconhece que, inicialmente, ao dizer a Irma que, se ela ainda sofria, era por culpa dela própria, ele estava apenas repetindo um comportamento que, de fato, tivera em estado de vigília. Portanto, o grande passo de Freud rumo à descoberta do desejo inconsciente não se revela simplesmente no fato de que ele tenha podido explicar o sonho pelo seu desejo de desobrigar-se de inúmeros casos fracassados. Tal desejo revela-se apenas como desejo já consciente.

Tudo se passa como se Freud estivesse realmente repetindo um erro para assim continuar dando razão ao saber do mestre, neste caso, Fliess. De acordo com Lacan, na hora que Freud encontra-se em situação constrangedora pelo efeito nefasto do tratamento pela via

da substância química, ele literalmente “*apela*” para seus semelhantes e superiores, com toda a conotação jurídica que carrega o termo em inglês, *appeal*. E o que Freud faz ao apelar para seus semelhantes e superiores senão continuar convocando a mestria do saber estabelecido da ciência? Como pudemos ver, de fato, no momento do interesse profissional pela cocaína, Freud estava como nunca investido na busca de fama e reconhecimento profissional através da subordinação às exigências dos mestres da ciência. Mas se o sonho com Irma é um corolário da inauguração da Psicanálise com toda a agudeza da dimensão do inconsciente, então, parece que foi necessário desbancar a espécie de corte de apelação responsável por fazer a defesa de Freud para que ele pudesse se desvincular de tal discurso. A abolição da culpa está apenas ao questionamento da razão dos mestres da ciência.

No sonho, Freud critica a sua posição profissional ao se dedicar ao estudo da cocaína projetando a sua imagem na figura do colega da medicina, Otto, que é representado como sendo o responsável pela aplicação da injeção suja. Lacan nos alerta que, no sonho, há uma “*decomposição imaginária*”, um “*desabrochamento das diferentes identificações do ego*”. Essa fragmentação da identidade de Freud resulta na destruição do sujeito e, assim, sua culpa também é abolida. Nas palavras de Lacan (1985 [1954-55], p. 213): “no momento em que se faz ouvir, na maior das cacofonias, o discurso dos múltiplos egos, a objeção que interessa a Freud é sua própria culpa, no caso, em relação à Irma”. Aí temos a imagem do policéfalo que tem a ver com o acéfalo e que, dentre outras coisas, é fruto da operação do inconsciente freudiano. É interessante notar que a diluição do eu do sonhador em meio a uma comunidade de personagens que falam coisas sem sentido, além de aliviar a culpa de Freud, possibilita uma crítica a essa comunidade de médicos. Nesse momento do sonho não há mais Freud, ele se converte em múltiplos outros e, por isso, não há mais ninguém que possa dizer *eu*, e é aí que ocorre no sonho o que Lacan denomina entrada do bufão na figura do grupo de médicos.

A conversa que se sucede entre Otto, Leopold e Dr. M., representantes da comunidade científica de Freud, assemelha-se ao jogo de frases interrompidas e até mesmo ao diálogo de surdos. Cada um dos médicos dá a sua opinião sem sentido como se estivesse dizendo uma verdade inquestionável, calcada em um saber de grande prestígio, a ciência. O exemplo da contradição e da falta de sentido é a história do caldeirão furado da qual Freud se lembra durante a análise do sonho, dizendo:

Toda a desculpa- pois o sonho não passava disso – lembrava vivamente a defesa apresentada pelo homem acusado por um de seus vizinhos de lhe haver devolvido danificada uma chaleira tomada de empréstimo. O acusado assegurou, em primeiro lugar, haver devolvido a chaleira em perfeitas condições; em segundo, que a chaleira tinha um buraco quando a tomou emprestada; e, em terceiro lugar, que de modo algum, havia algum dia tomado emprestado uma chaleira de seu vizinho (FREUD, 1972 [1900], p. 128).

Quando o indivíduo coloca tudo a seu favor, sua argumentação perde o sentido e ele acaba por se entregar. A disfunção ilustrada por essa história deve-se à reunião de todas estas linhas de defesa de forma suplementar, como se fosse possível uma totalização sem faltas. Se cada argumentação fosse usada separadamente, e apenas uma delas, talvez o resultado fosse mais favorável, ou pelo menos teria mais sentido.

No sonho, acreditamos que a pequena comunidade de médicos que falam coisas sem sentido representa a ciência veiculada por tais personagens e, por isso, entrevemos que, de alguma forma, Freud se deparou com uma falta de sentido naquilo que era transmitido pelos colegas mais experientes como garantia da ciência, abrindo a ele a possibilidade de acesso ao inconsciente. Inicialmente os médicos se multiplicavam como conselheiros detentores da resposta procurada. Mas a partir da associação em torno da figura do Dr. M. (Breuer) revela-se o desejo de Freud de se vingar deste e também do irmão mais velho, que se confunde com a figura daquele e se mistura com o ideal imaginário de seu pai.

Ao desbancar o ideal calcado na figura do pai, presente, no sonho, através da figura de Dr. M., é como se Freud estivesse questionando o saber sustentado pelo mestre e, mais especialmente, o mestre da ciência. Dessa forma, o Freud réu se transforma em inquisidor, e diz: “Lembrei-me, então, que tinha uma razão semelhante para estar mal-humorado com cada um deles: ambos haviam rejeitado certa sugestão que, não havia muito, fizera-lhes” (FREUD, 1972, p. 120). Aquele que era considerado o respeitado mestre da medicina, Dr. Breuer, de quem até então esperava o reconhecimento profissional e para quem, inclusive, ele escrevera o caso clínico “colocando o preto no branco”, revela-se um palhaço. Assim como Freud deve ter se sentido impotente diante dos resultados nefastos da cocaína, Breuer revela-se um homem impotente, retratado, no sonho, pálido, com o queixo escanhado, claudicante ao andar. Enfim, está em pauta o discurso de um homem “doente” e também caduco. Freud zomba dele ao conferir-lhe no sonho uma frase absurda, completamente sem sentido: “Não há dúvida que é uma infecção, mas não tem importância; sobrevierá a disenteria e a toxina será eliminada”. Freud (1972 [1900], p. 123) ainda conclui, logo depois e sem sombra de dúvida,

que essa parte do sonho expressava desprezo pelos médicos que ignoravam a histeria. Lacan associa essa frase, com a qual Freud zomba Breuer, com a lógica da descarga sexual por intoxicação, como sendo uma forma de criticar a *hipótese substancialista da libido*. O que faz Freud se lembrar do caso em que ele havia produzido um grave estado tóxico numa paciente ao receitar sulfonal foi justamente a cena do sonho no qual ele recorrera *imediatamente* à assistência e apoio do colega mais experiente, nomeado Dr. M.⁴. O friso de Freud na palavra “*imediatamente*” suscita novamente a questão sobre as graves conseqüências da confiança imediata de Freud nos seus colegas mais experientes, e que a partir daí são desbancados.

1.6 - O “fora” da escritura

A perspectiva segundo a qual o erro médico em questão advém como conseqüência da alienação de Freud na promessa do saber veiculado pelos seus mestres é reforçada quando pesquisamos, em Platão, o termo *allotrion* utilizado por aquele para designar suas pesquisas sobre a cocaína. Vemos que o termo em Platão realça o caráter nocivo do apelo às marcas externas, ou seja, que são do outro, estrangeiras. A decisão de buscar pelas contribuições de Platão está calcada na indicação de Jesús Santiago no seu livro “*A droga do toxicômano_ uma parceria cínica na era da ciência*”, particularmente na página 65. No diálogo de Platão, especialmente no *Fedro*, o termo *allotrion* é utilizado para caracterizar as marcas constituintes da escritura, que, por sua vez, é apresentada como sendo uma falsa promessa de acesso ao conhecimento. Como pano de fundo, tem-se a questão dos homens que escreviam discursos que eles mesmos não pronunciavam, os logógrafos, e que temiam, na posteridade, passarem por sofistas. A discussão em torno do valor da escritura se torna possível devido ao termo pelo qual ela é identificada no diálogo. Jacques Derrida (2005) explica que o termo *phármakon*, pelo qual a escritura foi apresentada como remédio contra o esquecimento, está sujeito a uma reversão de sentido. O autor enfatiza a dificuldade da tradução desse termo, que pode significar “remédio”, “veneno”, “droga”, “filtro”, etc. Aí a questão da tradução é,

⁴FREUD, 1972 [1900], p. 120.

segundo Derrida, o problema da passagem à filosofia, que pressupõe a ambigüidade entre um filosofema e aquilo que lhe resiste e ultrapassa.

Dessa forma, a escritura como *phármakon* vela uma de suas faces, e quando Thoth a apresenta como “o saber que dará aos egípcios mais sabedoria, mais ciência e mais memória”, o rei Tamuz responde revelando o sentido inverso por detrás da promessa, e afirma que, na verdade, “a arte da escritura produz o esquecimento na alma daqueles que a terão aprendido, porque cessarão de exercer, com efeito, sua memória, confiando na escrita.” Thoth fez a escritura passar por remédio interrompendo, para as necessidades de sua causa, a comunicação entre os dois valores opostos, quais sejam, remédio e veneno. A escritura é desdobrada em uma face que possibilita o saber e outra que obscurece a coisa a ser representada. O fascínio exercido por ela deve-se, então, ao velamento da face refratária ao saber, dando a ilusão de uma completa apreensão da coisa representada. Mas o rei restitui a comunicação entre os lados opostos da escritura, embora a palavra “remédio” não dê conta disso. Podemos levantar a hipótese de que a escrita responsável pela tradução dos estudos freudianos da cocaína em números, letras e tabelas, também deixou velada uma dimensão do tema estudado, qual seja, a influência particular que cada organismo exerce sobre os efeitos do consumo da cocaína. Mas enfim, a que se deve a nocividade da escritura, que hora é vista como remédio e hora como veneno para a sabedoria?

É bom enfatizar aqui o interesse nessa discussão sobre a escritura. Para Freud, o estudo da cocaína, que revela uma falha no saber da ciência ao deixar escapar o imprevisível da particularidade de cada organismo, foi, em sua visão, um *allotriion*. Este termo, para Platão, caracteriza os elementos constituintes da escritura, que ele demonstra de um ponto de vista pejorativo. Logo vislumbramos nessa discussão a transformação do remédio em veneno, assim como também acontecera em relação à cocaína. A proposta é que a ciência termodinâmica veiculada nas pesquisas sobre a coca foi um corolário, ao menos na visão de Freud, da escritura tal como Platão a pensa, ou seja, calcada nas marcas do *allotriion*. Seriam as marcas externas, como as letras e os sinais utilizados na escrita, responsáveis pela eliminação da face que resiste à apreensão, dando a ilusão de que a escrita poderá abarcar completamente o objeto estudado?

Ainda de acordo com Derrida (2005, p. 51), “se o *phármakon* é nefasto, é que, como aquele do Timeu, ele não é daqui. Ele vem de outra parte, ele é exterior ou estrangeiro”. A

escritura é nociva na medida em que ela se assenta sob marcas externas (*allogrion túpoi*). O “fora” da escritura é o signo da rememoração como suplência da memória. Aquele que dispuser da *tékhnē* da escritura pode ausentar-se sem que as marcas físicas, espaciais e superficiais dispostas sobre uma plaqueta cessem de estar lá, ele pode esquecê-las sem que elas abandonem seu serviço. Por isso, a escritura possibilita uma rememoração graças às marcas externas, e não graças àquele que a aprendeu. Enquanto a memória é interior e se desenvolve presente a si na sua vida como movimento da verdade, ou seja, incluindo o representado que representa, o significante gráfico, por sua vez, ao reproduzir, ou imitar o significante vivo da memória, arrasta esta para fora de si mesma, afastando-a do que representa. Assim, a memória é mortificada no seu duplo “tipado”. “Em vez de despertar a vida no seu original, ‘em pessoa’, ele pode quando muito restaurar os monumentos” (DERRIDA, 2005, p. 57). Assim, a escritura dá o poder de falar sem saber, recitar sem cuidado com a verdade. Enquanto a verdade é o representado presente na representação, a escritura é a possibilidade de o significante repetir sozinho, na ausência do que representa. Assim, nesta perspectiva, a verdade não se apresenta na escritura.

Agora podemos entender porque o *allogrion* é o que arrasta para fora de si, desviando do caminho costumeiro. No caso da cocaína, o descaminho não parece ter sido em relação à neuropatologia séria, como pôde pensar Ernest Jones. Mesmo que Freud tenha realmente se interessado por um campo de pesquisa diferente daquele da neuropatologia, a importância do desvio realizado pode ser entendida quando consideramos o encantamento de Freud com a perspectiva de poder, através do estudo da cocaína, escrever o saber em termos quantitativos, com a suposta precisão de números dentro de tabelas. O mal em ser guiado por marcas estrangeiras, como foi Sócrates ao sair da cidade, seduzido pelas folhas da escritura, é que a memória como vida psíquica é adormecida por confiar demais nos signos da escritura que funcionam como seu suplemento. A possibilidade da escrita dá uma ilusão de consistência calcada na materialidade da letra, que pode assim se sustentar sozinha. Teria acontecido o mesmo com Freud ao se encantar por um tipo de estudo que foi para ele um *allogrion*? Se assim for, Freud teria adormecido sua memória esquecendo-se daquilo que aprendia por si mesmo, para, então, seguir o caminho oferecido pelo outro com a suposta garantia de um saber sem falhas. A conclusão é que o termo grego incidia principalmente sobre a noção pejorativa de escritura como aparência que exclui a verdadeira sabedoria por se assentar sobre

marcas do exterior, os signos e as letras, que não faziam parte do pensamento original em memória viva.

O mal se deve ao fato de que a escritura oferece, em vez de ciência, apenas os signos e as insígnias da ciência, e no lugar da essência e da verdade, apenas aparência. Na réplica do rei, os alunos de Thoth seriam insuportáveis ao aprenderem a escritura, “já que terão a aparência de homens instruídos em vez de serem homens instruídos” (PLATÃO *apud* DERRIDA, 2005, p.49). Assim, outra cisão está em causa, a cisão absoluta entre a verdade e a aparência, revelando o ideal de fundar a ordem da verdade sem recorrer ao registro das marcas externas. Derrida (2005, p. 56) afirma que a memória requer sempre signos para lembrar-se do não-presente, já que é limitada por natureza, “mas aquilo com que sonha Platão é uma memória sem signo. Ou seja, sem suplemento.” Este ideal de se atingir a verdade sem o recurso ao representante, ao signo, à letra, enfim, às marcas que constituem a aparência, é questionado por Lacan, que apresenta uma proposta exatamente contrária.

A inovação de Lacan ao final de sua obra consiste em estabelecer a dimensão ficcional da verdade, considerando-a a partir do semblante, não como algo ilusório, ou de pura aparência, mas como articulação algébrica do discurso. “O semblante não é apenas situável, essencial, para designar a função primária da verdade; sem essa referência, é impossível qualificar o que se passa no discurso” (LACAN, 2009 [1971], p. 24). Aqui, o semblante não deve ser tomado como semblante de outra coisa, mas como objeto próprio com que se regula a economia do discurso (*Ibidem*, p.18). Assim, não há verdade sem considerar a ficção que se constrói a partir da articulação de representantes simbólicos. O discurso como semblante assenta-se sobre sinais gráficos da escrita, mas não é porque depende da estética e da combinação de representantes que será desqualificado como oposto ao que seria a verdade. No *Seminário 16*, Lacan (2008, p. 24) afirma: “Eu, a verdade, sou pura articulação”. Já que não se pode falar a verdade sobre a verdade, é como se a própria verdade, como sustentáculo do discurso, falasse, atualizando-se na articulação de linguagem. A idéia de elementos gráficos que se sustentam mesmo na ausência da memória que os originou auxilia-nos a entender a possibilidade da verdade como pura articulação que também independe de que alguém a saiba. Assim como o escrito se sustenta mesmo na ausência de alguém que o represente, a própria verdade articula a linguagem. A verdade, como tal, está presente na ligação de um representante e outro. Os sinais gráficos da escrita, com seus elementos e

lugares, não são apenas os recursos utilizados na repetição do conhecimento, eles são, da mesma forma, o que possibilita o discurso articulado, seja ele consciente ou não. A articulação que promove um discurso não é privilégio da consciência e os elementos da escrita não suprem totalmente a necessidade de sua significação, já que são marcados pelos limites da combinatória. Assim, o suplemento da letra não esgota a memória. O que definiria, nesta perspectiva, a possibilidade ou impossibilidade de emergência da verdade não se deve, como Platão pensava, à utilização ou não dos representantes da escrita. O discurso que contém uma verdade é discurso destituído de conteúdo, apenas como estrutura real marcada por limites lógicos⁵. Dessa forma, não há como dispensar a ficção no intuito de atingir uma verdade, o discurso é a única forma de se fazê-lo.

Nessa perspectiva, se o saber vislumbrado na ciência mostrou-se falho na experiência de Freud, não foi devido à sua natureza de semblante, ou de sua redução à combinação de letras. “O discurso científico progride sem sequer preocupar-se mais em saber se é ou não semblante” (LACAN, 2009 [1971], p. 27). É inquestionável a importância dada por Freud, nos seus estudos sobre a cocaína, ao semblante da ciência, mas o semblante não é privilégio desse discurso, já que não há discurso que não seja semblante e que não se trata de um puro artefato, de engodo e nem de um substituto da verdade, mas sim de um artifício, porque toca no real. Então, o que distinguiria o saber na Psicanálise e na ciência, já que em ambos temos a articulação de representantes como semblante que avança?

A recusa de Freud com um saber que se mostra limitado demonstra a sua crença e mesmo sua esperança de um dia tornar a sexualidade transparente ao saber, tal como vimos no que ele postula como ideal científico para o futuro da Psicanálise. A invenção psicanalítica requer, certamente, a conservação e a persistência do pensamento frente ao sexual como tal, ou seja, polimorfo e infinitamente variável. A busca pelo saber que incluiria a sexualidade faz com que, mesmo após a experiência de fracasso da ciência, Freud não desista e, na parte do sonho da injeção de Irma a ser analisada no próximo capítulo, discutiremos a solução criada para contornar o impasse no saber vislumbrado nos diversos casos mal-sucedidos. A nossa hipótese é que a especificidade da Psicanálise em relação à ciência só será vislumbrada se pudermos demonstrar a falha inerente à solução criada. Nessa trajetória, na qual Freud se

⁵LACAN, 2008 [1968-69], p. 25.

esforça para dizer o indizível sobre o sexo, como se fosse possível ultrapassar a linguagem, procuraremos delinear o encontro com as falhas do saber e com a queda do semblante.

Capítulo 2

A garganta insondável de Irma

“Fui forçado a admitir que não estava tratando nem Irma nem minha esposa muito amigavelmente nesse sonho, mas deve-se observar, a guisa de desculpa, que as estava medindo tanto pelo padrão da paciente boa como acessível” (FREUD, 1972 [1900], p. 119).

2.1 A dimensão simbólica na instabilidade do sentido

No capítulo anterior, guiados pelas indicações do sonho com Irma, observamos como as pesquisas freudianas sobre a cocaína resultaram em efeitos imprevisíveis do “remédio” indicado. O remédio converteu-se em “veneno”, causando a intoxicação química e a morte de pacientes. Além da morte de Fleischl-Marxow, e da piora do estado de saúde de Emma em decorrência de um erro médico, Freud também relembra, em sua análise do sonho, da paciente Mathilde que morrera por intoxicação de sulfonal indicado por ele próprio como se fosse um remédio. A precisão dos experimentos científicos com a cocaína resultou para Freud no seu contrário, isto é, na constatação da insuficiência do saber da ciência. Assim, os efeitos inesperados da cocaína, ou seja, ora a piora e a morte do paciente e ora o enorme bem-estar que o próprio Freud sentia ao consumir a droga, transformaram-se, na perspectiva do psicanalista, em sinais da particularidade de cada organismo que deveriam ser considerados em qualquer proposta.

Desde que o interesse de Freud foi despertado pelo papel da sexualidade na etiologia das neuroses, o sexo já era introduzido como um impasse. Outro exemplo na história inicial da Psicanálise que demonstra a sexualidade como obstáculo ao saber e que, no entanto, não se apresenta no sonho com Irma, é o obstáculo ao tratamento de Anna O., que se apaixonou

fortemente pelo seu médico, Breuer, criando uma gravidez psicológica, o que inviabilizou o tratamento. A influência da sexualidade na relação da paciente com o seu médico é um imprevisto sobre o qual nada sabiam, por isso os médicos só podiam fazer dele motivo de piada. Freud comenta em seu texto *A história do movimento psicanalítico* (1914) que tanto Breuer quanto Charcot se curvavam diante do fator sexual nos casos de neurose sobre os quais não se tinha mais o que dizer. A sexualidade surgia como fator não desejável, um obstáculo, um impasse, inviabilizando o tratamento, já que da alçada dos médicos escapavam os problemas do leito conjugal.

Freud, ao contrário da posição dos colegas, não recua e mesmo diante dos impasses no saber científico da medicina pautado na termodinâmica aplicada à fisiologia, continua a procurar uma “solução”. É interessante notar que, posteriormente, Freud deu à paixão de Anna O. pelo seu médico o nome de transferência, que se torna a mola mestra da cura. A transformação do remédio em veneno que observamos no momento em que a cocaína se revelara um veneno, é sentida também em relação à transformação da noção de sexualidade que passou de obstáculo à proposta de cura através da transferência. Esta se refere à transferência de sentimentos amorosos ou ambíguos do paciente para o médico e que, como tal, era fundamental para a cura.

A plasticidade do sentido que era atribuída aos fenômenos observados era um sinal da natureza simbólica constatada formalmente por Lacan nos processos inconscientes. O sonho com Irma também revela o desejo de Freud em transformar o impasse, ou seja, a sexualidade e a injeção de cocaína, em caminho para a cura. Lembremo-nos da insistência com que, no início do relato do sonho com Irma, ele tenta convencer a paciente a aceitar a sua “solução”. Lacan (1985 [1954-55], p. 192) ressalta que a “solução”, “Lösung”, pode ser entendida, na língua alemã e francesa, tanto como o que se injeta quanto como aquilo que resolve um conflito. Assim, a solução injetada que fora responsável pelo desenvolvimento da doença no sonho confunde-se com a solução como proposta de cura. Acreditamos que essa instabilidade no sentido da palavra “solução”, bem como a reversão entre a causa da doença e o tratamento da doença, aponta para a especificidade das relações significantes que começam a se delinear diante dos impasses da sexualidade.

De fato, Lacan entende que a ambiguidade da palavra “Lösung” no sonho com Irma descortina a dimensão simbólica em jogo na causa da neurose. E quando comenta, no

Seminário 11, sobre a transferência de Anna O. com Breuer, chega também à conclusão de que se trata da supremacia da dimensão simbólica nos fenômenos inconscientes. Assim, as transformações simbólicas que operavam no campo pesquisado por Freud causam uma incongruência e uma instabilidade no sentido da solução apontando a particularidade do saber que era evidenciada na falha diante dos impasses da sexualidade.

Podemos entender que a posição de Freud diante das dificuldades demonstra o seu desejo de fazer avançar o saber. Mas foi também a partir desse desejo que Freud se deparou com os limites e incongruências deste saber. Nas lacunas do discurso da ciência vigente, Freud encontrou a sexualidade e a particularidade do caso a caso como obstáculos que desafiavam o saber estabelecido até então. E o que ele faz no encontro com essas lacunas no saber? Ele força o saber, recrimina Irma e a culpa por não colaborar com a sua solução, dirigindo-se assim à constituição de uma nova teoria, procurando novas propostas e novos argumentos. Freud busca preencher as lacunas, dando a elas um significado, e são nessas lacunas, constantemente atualizadas, que a Psicanálise se desenvolve.

A insistência com que Freud busca reparar os impasses, incluindo-os na ampliação de um saber sempre renovado, assemelha-se em alguns momentos, em nossa perspectiva, à história freudiana do caldeirão furado, comentada na página 35 desta dissertação. Ao devolver furado o caldeirão que pegara emprestado, o personagem dessa história utiliza todos os argumentos de uma só vez procurando inocentar-se da responsabilidade. É justamente isso, ou seja, esse suplemento de argumentos, que demonstra a constância do impulso da articulação simbólica, e cuja consequência é que a sua defesa perde o sentido. O suplemento, na tentativa de incluir aquilo que deveria permanecer fora de um sistema simbólico, traz consigo uma disfunção no sentido. Não se pode dizer tudo ao mesmo tempo, algumas coisas devem ficar excluídas para que o dito tenha um sentido. Acreditamos que o acolhimento do que restava não absorvido pelo saber, causando-lhe uma redução do sentido, aponta para a dimensão da verdade que, ao retornar nas lacunas do saber, o impregna com uma inércia própria. É nesse movimento que localizamos Freud em busca da constituição de um saber que incluísse a contingência da sexualidade e a particularidade do sujeito. Mobilizado por objetos inexplicáveis dentro do saber já estabelecido, quais sejam, a sexualidade e a particularidade do caso a caso, Freud recolhe o obstáculo ao tratamento para dar a ele o estatuto de uma solução. Em que constitui, afinal, essa solução?

Sabemos que na época do sonho, Freud (1972 [1900], p.116) propunha como tratamento a veiculação verbal da representação, ou seja, da palavra correspondente ao significado sexual do acontecimento traumático. A idéia era a de que o sintoma manifestava a presença de certas representações simbólicas desconhecidas pelo sujeito, ou seja, recalçadas, e que um ganho de saber seria o caminho para a cura. O inconsciente, no aspecto de um reservatório de representações simbólicas que tiveram que ser excluídas, traz a dimensão de um saber não sabido, e com a verbalização da palavra adequada um ganho de saber seria esperado, acreditando-se que assim o sintoma poderia ser suprimido. Na maioria dos casos, a tal experiência traumática recalçada estaria relacionada a uma experiência da sexualidade na infância, como uma cena de sedução sexual da criança por parte de um adulto. Assim, a posição de Freud parece ser realmente a de quem, diante da constatação da ignorância do sujeito em relação ao que determina seus sintomas e sua posição no mundo, procura reparar tal impotência através de uma proposta de tradução verbal do conteúdo esquecido.

A técnica freudiana que se desenvolve neste momento enfatiza grandemente a busca pela mensagem, ou seja, a revelação do significado oculto das formações do inconsciente. O que confere o verdadeiro valor inconsciente ao sonho com Irma, nas palavras de Lacan (1985, [195-55], p. 203), “é a busca da palavra, o enfrentamento direto com a realidade secreta do sonho, a busca da significação como tal”. Se o tratamento pautado no paradigma material da sexualidade fracassou, então Freud escolhe a via do “*conceito energético da libido*”, segundo o qual “a libido é apenas a notação simbólica da equivalência entre os dinamismos que as imagens investem o comportamento” (LACAN, 1998 [1936], p. 94). A nova hipótese freudiana é que há, portanto, um desinvestimento da percepção-consciência de forma que a libido é convertida em palavras. Tal conceito pressupõe o deslizamento da libido na cadeia simbólica. O tratamento é pela via simbólica, e não mais pela intoxicação química.⁶

No sonho, Freud se mostra impaciente com Irma, que rejeita a solução, e confessa, em sua análise do sonho, que gostaria de trocar Irma por uma paciente que colocasse menos obstáculo à sua proposta:

⁶ Não podemos ignorar que no movimento de inauguração da Psicanálise há também a fase onde a hipnose exerce papel preponderante no tratamento. No presente estudo, no entanto, priorizaremos a abordagem da função simbólica nas formações do inconsciente e por isso a hipnose não será abordada.

Assim, eu estivera comparando minha paciente Irma com duas outras pessoas que também haviam se mostrado recalcitrantes ao tratamento. Qual poderia ter sido o motivo de eu a haver trocado, no sonho, por sua amiga? Talvez fosse porque eu devia ter gostado de trocá-la. Sua amiga teria sido mais prudente, isto é, teria cedido mais cedo. Teria então aberto a boca como devia, e me contado mais que Irma (FREUD, 1972 [1900], p. 119).

Na medida em que Irma não abre a boca, ela não fala a Freud como deveria e, assim, a proposta de tratamento pela via da palavra encontra dificuldades. Irma permanece silenciosa, confrontando a aposta freudiana de que a veiculação simbólica pudesse desencadear a cura. Freud manifesta sua impaciência diante dos impasses encontrados nessa sua nova proposta. Tal posição também demonstra a sua pretensão em fazer avançar o saber, ou seja, a articulação simbólica. Lacan afirma que, ao recriminar Irma, Freud continua no estilo de pesquisa apaixonada, “por demais apaixonada”, e, por estar tomado por semelhante paixão de saber, ele vai além.

Sendo assim, a nova proposta não é sem obstáculo, e quando a paciente finalmente abre a boca, a imagem de *extensas crostas cinza-esbranquiçadas sobre algumas notáveis estruturas crespas* que Freud vê na garganta de Irma é extremamente genérica e obscura, por isso não pode ser reconhecida e nem delimitada por um nome. Ao manter a boca fechada, ela esconde um objeto que por sua própria natureza não se dá a ver, trata-se da opacidade do sexo feminino. O surgimento do que estava escondido no inconsciente desestabiliza o sentido na medida em que só faz aumentar na vida desperta do sujeito a sensação de disfunção do saber. A articulação simbólica que se supõe atuar no inconsciente não supre o saber que se revelara falho na consciência e na ciência, e as lacunas persistem através da divergência entre a sexualidade e a própria dimensão simbólica. Mas porque esta resistência do fator sexual, que continua refratário ao saber?

2.2 - O encontro de Freud com a sexualidade feminina

Freud associa Irma à sua esposa pelo fato de que, na época do sonho, ela estava grávida e reclamava de dores no abdome. Lacan (1985 [1954-55], p.196), influenciado pelo fato de que a esposa de Freud causara nele a decepção de certos instintos sexuais, entende a

resistência da paciente em abrir a boca como uma resistência do tipo feminina. A garganta seria um equivalente do órgão sexual feminino. Assim, o obstáculo, nesse caso, remete à dimensão de recusa da sexualidade feminina, que permanece, por isso, inacessível. Trata-se, nesse ponto, de um obstáculo à relação sexual. Para a boca, há todas as significações de equivalência, tudo se mescla e se associa nessa imagem, desde a boca até o órgão sexual feminino, passando pelo nariz⁷. A dimensão da sexualidade feminina, na medida em que permanece inacessível, aparece como fonte do conflito de Irma, ao passo que abrir a boca seria um substituto para “abrir as pernas”, como solução ao seu conflito. Eis que Irma não abre a boca fazendo com que o impasse prevaleça, desta vez, sob a figura da mulher que se opõe à relação sexual.

Através da recusa da sexualidade feminina, Irma continua doente, ou seja, tomada pela histeria, ao passo que Freud, por sua vez, permanece frustrado em relação à sua ambição de acessar a mulher, pois, ao se deparar com a garganta insondável de Irma, revive justamente tal dificuldade. Não apenas no sentido da relação sexual propriamente dita, mas também e principalmente, no sentido de um objeto diante do qual fracassa o seu desejo de saber. Da mesma forma, a resistência das mulheres vitorianas, que respondiam com extremo pudor e vergonha às repressões que sofriam em relação à sexualidade, transformou-as num “continente negro”, ou seja, num objeto obscuro sobre o qual não se tinha nenhum conhecimento. A dificuldade de conhecer a mulher parece ter influenciado Freud teoricamente na medida em que procurou escutar essas mulheres e acabou por atribuir à sexualidade feminina um conteúdo não representado no inconsciente.

Na ocasião dos *Estudos sobre a Histeria* (1893), Freud escreve, na *Comunicação Preliminar*, que o trauma na histeria é de forma a deixar o sujeito emudecido. Ora, em silêncio é justamente a forma como Freud reproduz Irma em seu sonho na medida em que ela não abre a boca! Serge André afirma:

os desenvolvimentos da doutrina freudiana nos mostram que alguma coisa da feminilidade permanece absolutamente fora do alcance da palavra, interdito no sentido mais forte do termo, quer dizer, presente no mutismo que se intercala entre os ditos (ANDRÉ, 1998, p. 59).

⁷LACAN, 1985 [1954-55], p. 197.

No artigo de 1894, *As neuropsicoses de defesa*, Freud esclarece o mecanismo pelo qual a representação sexual é rejeitada na histeria. O conflito fundamental da neurose é localizado na desarmonia causada por uma representação sexual irreconciliável. Assim, a representação sexual aparece por uma conotação de desprazer, sendo necessária a sua eliminação. O sintoma seria uma tentativa de resolver este conflito pela eliminação ou pela cisão da dita representação. É assim que a histeria é um modo de recusa da sexualidade feminina. No *Rascunho K*, já em 1896, logo após o sonho da injeção de Irma, Freud não fala mais em uma representação irreconciliável, mas em uma ausência de representação que remete o mecanismo primário da histeria a uma manifestação de susto com uma lacuna. O recalque da representação sexual só será efetuado quando o sujeito encontrar uma representação que possa contornar aquela lacuna no discurso. Desse modo, inicialmente, o encontro do sujeito com a sexualidade é marcado apenas por uma ausência de representação que lhe causa susto. Essa lacuna, em si mesma, não pode ser de fato recalçada, sendo necessária uma representação que a delimite. Tal representação, quando acionada posteriormente, desperta uma excitação sexual que não aparecera no acontecimento anterior de susto, e acaba por ser recalçada na medida em que evoca o equivalente à ausência da representação. De acordo com Freud (2004, [1915], p. 178), o recalque consiste em interditar ao representante psíquico da pulsão a entrada e admissão no consciente.

A função de representação se mostra naturalmente falha diante do sexo, mas o aparelho psíquico não lida bem com essa lacuna e, então, a representação que a evoca é eliminada, deixando pelo menos duas brechas no sistema simbólico inconsciente, uma de origem e outra que se associa à primeira. O que desencadeia esse processo é justamente a falta de uma representação que recubra a dimensão sexual no momento em que ela se manifesta. O substituto posterior, sintomático ou não, estará sempre em defasagem ao real da eclosão da sexualidade, seja por causa da diferença do tempo em que ocorre a experiência e do tempo em que a representação é acionada, seja porque a representação não alcança toda a gama de sensações e sentimentos da experiência sexual.

Nota-se que a falta de representação no momento de eclosão da sexualidade aciona o significante que, ao ser recalçado, inaugura no inconsciente uma cadeia simbólica. De acordo com Freud (2004, [1915], p. 179), “tão importante quanto isso é considerar a atração que o recalçado original exerce sobre tudo com que consegue estabelecer conexão”. Assim, os

pensamentos em conexão com o recalçado se juntam a ele no inconsciente. Tendo em vista que, de acordo com Lacan, a verdade funciona como causa do saber, poderíamos então pensar que a verdade é da ordem do significante recalçado que vem delimitar a lacuna no simbólico diante do sexo, e que os pensamentos que se ligam a ele formam o saber inconsciente.

Voltando ao sonho, sobre o mal-estar que faz Irma resistir ao exame, Freud (1972 [1900], p. 118) se recorda do sentimento de uma paciente que tinha dentes postiços e que resiste a abrir a boca, dando a entender que se Irma não abre a boca, escondendo o seu sexo, é porque ela sente pudor, como se tivesse vergonha, ligando assim o recalçamento da representação sexual ao pudor. O que é afetado por esse sentimento é o corpo em sua função orgânica, destituída da conotação sexual, como se a sexualidade emergisse tão precocemente que o sujeito, sem ter sequer o recurso simbólico para nomear a sensação e a experiência como sexuais, ficasse limitado à conotação puramente orgânica do corpo. O efeito de desprazer causado pela emergência do sexo dá-se, então, porque o corpo não velado pela representação simbólica é o organismo em sua função puramente fisiológica. Embora os dentes postiços possam ser uma alternativa de suplência à falta de representação, podemos entender a resistência de Irma em abrir a boca no sonho como resistência devida ao pudor frente ao corpo real na medida em que o véu da representação mostra-se falho e os dentes postiços são substituídos por “maus dentes”, trazendo uma lacuna ao anteparo simbólico do corpo orgânico. Irma sofreria então, pela falta de recobrimento para o seu sexo e abaixo do véu simbólico Freud viu a coisa sem nome, sem forma. A forma insituável do fundo da garganta de Irma faz dela a revelação deste algo inominável, a verdadeira cabeça de Medusa. A coisa sem nome não é senão a coisa destituída da função sexual de representação. Fora desta função há só um vácuo. No encontro de Freud com a sexualidade feminina ele se choca com uma falta de representação que, do nosso ponto de vista, originará uma disfunção na articulação do saber que se forma em torno desse objeto.

o que podemos chamar de revelação do real naquilo que tem de menos penetrável, do real sem nenhuma mediação possível, do real derradeiro, do objeto essencial que não é mais um objeto, porém este algo diante do que todas as palavras estancam e todas as categorias fracassam, o objeto da angústia por excelência (LACAN, 1985 [1954-55], p. 209)

A ausência de representação será associada ao feminino que, como sexo naturalmente castrado, causa um horror que dificulta o seu reconhecimento. No texto *Sobre as teorias*

sexuais das crianças (1908), Freud comenta que quando um menino olha o órgão genital de uma menina, ele não enxerga a falta de pênis, ao contrário, afirma que o pênis está lá, e que ele ainda vai crescer. Posteriormente, altera essa primeira concepção e afirma que o menino vê a falta do pipi, mas acredita que esta ausência se deve à castração, ou seja, que outrora o membro estava ali, e que ele foi cortado. No texto sobre a *Gradiva de Jensen* (1907), Freud descobre que a diferença entre os sexos não se traduz a nível inconsciente e no lugar de um representante do sexo feminino surge, por exemplo, um pé orientado no sentido vertical. As suas observações demonstram que não há representação para o órgão sexual feminino e que a referência simbólica para o sexo é sempre o pênis. O feminino não se mantém como tal, pois sempre é construído um substituto, sendo que a diferença sexual se traduz, quando muito, apenas em castrado/não castrado.

Diante do exposto, parece de suma importância para nosso objetivo de delimitar a especificidade do saber para a Psicanálise, seguirmos a indicação do sonho de Irma no que se refere à dificuldade de representação e reconhecimento do sexo feminino. Veremos o que Lacan acrescenta às considerações sobre isso, no intuito de localizar os efeitos para o saber dessa lacuna na dimensão simbólica.

2.3 - A elaboração lacaniana do feminino e a lógica do não-todo

Lacan, no decorrer de seu ensino, introduz novas maneiras de entender a sexualidade feminina. Ao nos determos um pouco mais sobre o sentimento que acomete Irma na hora do exame no sonho de Freud, veremos como a Psicanálise deslinda a falha inerente ao saber ao repensar, com Lacan, a falta de recursos simbólicos diante do sexo feminino.

Sobre o mecanismo do pudor, recorreremos ao texto *A significação do falo*, proferido em 1958 e publicado na edição dos *Escritos* (1998), no qual Lacan afirma que a posição sexual a ser assumida por cada sujeito é subordinada à relação mantida com o falo. Este é entendido aí como uma função de irrealização ou desaparecimento daquilo que está sendo significado. Ou seja, o falo é o significante que cunha a significação através dessa transmutação da coisa em um significado, de forma que aquilo que está sendo representado é

barrado em nome de sua representação. E assim, toda significação, para subsistir, deixa suspensa a coisa que é representada.

Lacan utiliza o termo “Demônio do Pudor”⁸ para conjugar a manifestação do falo com o momento em que o pudor é exercido. Essa expressão é uma referência aos afrescos da Villa de Pompéia, Grécia Antiga, que retratam a iniciação nos mistérios. Nessa série de pinturas, o falo como imagem aparece sob o véu de uma mulher que está próxima de descobrir alguma coisa, momento em que o “Demônio do Pudor” surge atacando-a com raios fulminantes. O surgimento do falo, que deveria manter-se velado para que a descoberta do significado fosse levada adiante, faz com que o pudor seja exercido. Dessa forma, entendemos que Lacan está chamando atenção para o fato de que o pudor é acionado pela revelação da função fálica de traçar o significado. Isso sugere que esse sentimento é em relação à própria função de representação, ou seja, o insuportável é que a significação, além de barrar a coisa significada, é uma operação realizada para além da intenção do sujeito, e que não é resultado de uma relação conatural entre representado e representante. Assim, a função de representação, independente tanto da intenção consciente quanto de uma reciprocidade natural, é recusada. O mutismo da histérica poderia ser entendido então como protesto contra a aparência de simulacro que a função de representação confere à forma como o mundo lhe é apresentado.

É nesse sentido que podemos entender a vergonha dos dentes postiços que Freud associa à resistência de Irma no sonho. Ora, os dentes postiços não são os seus dentes naturais, os “de verdade”, e era disso que ela tinha vergonha. A representação é recusada porque se mostra em defasagem com o real. A consequência é que o corpo fica descoberto em sua função puramente fisiológica, sem nenhuma mediação. O pudor, então, como Freud já indicara, emerge no momento da eliminação da representação. O que Lacan acrescenta, em nossa opinião, é que se trata, na verdade, de uma recusa, e se dá porque a revelação do falo demonstra a natureza da significação, incluindo aí a falha da representação. A histérica recusa a incompletude de toda e qualquer representação, protestando contra o fato de que o significante, dentre outras coisas, deixa de fora o seu sexo, e a consequência dessa recusa é que o órgão sexual surge no vazio simbólico da carne, causando um desprazer como sinal do pudor. Assim, fica claro que a histeria não é um sintoma de manifestação de desejo pelo falo, mas ao contrário, uma reação de protesto contra a sua emergência.

⁸LACAN, 1998 [1958], p. 699.

A indicação de Lacan ao tratar o falo com tanta primazia é de que a função que rege a sexualidade é uma só, ou seja, a função fálica, e sendo assim, é a posição diante do falo que distingue homem e mulher. Isso explica porque a recusa do falo torna a histórica assexuada e predisposta ao pudor. Mas se a sexualidade é sempre fálica, o que dizer sobre uma sexualidade propriamente feminina?

Freud não seria otimista diante dessa pergunta, pois não acreditava na simetria invertida entre os sexos, como Fliess acreditava, e aí está, para Serge André (1998, p. 26), uma das principais discordâncias entre Freud e Fliess. Freud revela, através da relação do sujeito com a castração, não uma simetria entre os sexos, mas uma essencial dissimetria entre homens e mulheres. A questão já começa a se delinear na consideração do Édipo nas meninas como completamente assimétrico ao dos meninos. Se os meninos encerram o complexo de Édipo através da descoberta da castração da mãe que incide sobre eles como ameaça de castração, essa condição é justamente o que coloca a menina na via deste complexo. Isso quer dizer que, inicialmente, a criança, qualquer que seja a sua anatomia, é sempre um menino frente à sua mãe, e que só posteriormente, ressentida por constatar a castração da mãe, é que, na menina, uma feminilização pode se produzir frente ao pai. O grande paradoxo aí reside no fato de que a menina só se torna uma mulher na medida em que ela quer ter aquilo que falta à sua mãe e se dirige, então, àquele que tem o pênis, ou seja, o pai. Na consideração de Freud, o pênis parece ser equivalente ao falo que Lacan nomeia como sendo primordial para a sexualização. Assim, para tornar-se uma mulher, a menina deve querer ser como um homem e mudar de sexo, inviabilizando que ambos tenham acesso à mulher. Portanto, a lógica edípica de supervalorização do pai como portador do órgão que oferece uma representação para a sexualidade parece caducar quando o foco é a sexualidade feminina.

Para seguir desenvolvendo uma teoria sobre o feminino, Lacan utiliza a noção de gozo. Este conceito atravessa a obra lacaniana e, de tempos em tempos, é transformado, adaptando-se em diferentes paradigmas que auxiliam a teorização de outros temas como, por exemplo, o feminino. Pode-se entender o gozo como satisfação da pulsão, ou como aquilo que resta da conformação da libido em desejo, ou ainda como limite do prazer por ser demasiado intenso⁹. Na fase do ensino lacaniano que estamos priorizando no presente

⁹Sobre as diferentes perspectivas do gozo cf. MILLER, J-A. “Os seis paradigmas do gozo”, in **Opção Lacaniana**. São Paulo, 2000.

trabalho, qual seja, dos *Seminários 16, 17 e 18*, defende-se a idéia de que há uma primitiva relação dos significantes com o gozo. O gozo, antes concebido em proximidade com o imaginário e, posteriormente, na idéia de sua significantização, neste momento está localizado como sendo da ordem do real. A lógica desse pensamento é que a incidência do significante no real anula parte do gozo que, pela repetição da cadeia significativa, é reproduzido pela lei da entropia. É nesta perspectiva que Lacan (1992 [1969-70], p. 33) afirma que a única coisa que motiva a função do saber é a sua dialética com o gozo. Para esclarecermos a questão da sexualidade, e particularmente a feminina, será necessário considerar a relação do gozo com o significante a partir do conceito de real, que desenvolveremos gradativamente no decorrer do presente trabalho.

Por conseguinte, temos a hipótese de um gozo infinito, algumas vezes chamado por Lacan de gozo absoluto, elemento fora do sistema e correlato do real, que é então interdito pelo significante para possibilitar o gozo sexual. A posição sexual a ser assumida por cada sujeito depende dessa renúncia à parte do gozo, sendo que o falo é escolhido como símbolo para o sacrifício. O falo responde pela função de recortar o gozo, circunscrevendo-o, e a partir daí a significação se torna possível lançando o sujeito ao mesmo tempo no campo da linguagem, da verdade e da sexualidade. Portanto, o significante fálico vem substituir o gozo absoluto pelo gozo sexual, e indicar, para além dele, um Outro gozo que o ultrapassa. Este além do falo divide o gozo e, ao invés de dois sexos, dois gozos, quais sejam, o fálico e o além do falo. O gozo que se restringe ao falo é sexual, e o Outro gozo, que ultrapassa o falo, aproxima-se do feminino. Assim, o significante fálico, signo do gozo, promove tanto a sexualidade masculina como a feminina, pois ambas dependem desta operação de circunscrição, ou de contenção, do gozo real. A divisão do gozo pela operação significativa indica que o falo não é todo em relação ao gozo, inaugurando a partir daí um campo simbólico que tem como especificidade uma falha imposta pela invasão do que seria o Outro gozo. Em nossa perspectiva, o ponto de tensão pode acontecer com a possível confusão entre o gozo feminino e o gozo postulado pela histérica como absoluto.

Através da interpretação que Lacan faz do mito *Totem e Tabu*, ele introduz a idéia de que a mulher, se considerada como gozo absoluto, é signo de uma impossibilidade. No mito, o pai da horda primeva usufrui de todas as mulheres e os filhos não têm acesso a nenhuma uma delas. Estes, indignados, matam o pai de forma que, a partir de então, eles possam

também gozar de uma mulher, mas não de todas elas. O gozo de todas as mulheres é então interdito com o assassinato do pai. Lacan conclui que este mito foi escrito para nos apontar que é impensável dizer A mulher.

Impensável por quê? Porque não podemos dizer todas as mulheres. Não podemos dizer todas as mulheres porque isso só é introduzido nesse mito em nome de que o Pai possui todas as mulheres, o que é manifestamente, o signo de uma impossibilidade (LACAN, 2009 [1971], p. 99).

O interessante aí é que a única forma de introduzir a categoria *todas as mulheres* é ressaltando a sua impossibilidade. O pai primevo leva consigo para a morte o gozo infinito, que seria o de todas as mulheres. “(...) o pai morto é aquele que tem o gozo sob sua guarda, é de onde partiu a interdição do gozo” (LACAN, 1992 [1969-70], p. 116). A impossibilidade introduzida através desse mito é referente à inexistência de um significante que pudesse identificar todas as mulheres, na medida em que não se pode gozar da mulher como um todo. Isso quereria dizer que o gozo feminino não pode ser dito, não existe e que estamos todos condenados aos limites do falo? De acordo com Lacan (2008 [1968-69], p.65), “tudo o que está no mundo só se torna fato, propriamente, quando ele se articula ao significante”. É como se o gozo feminino não tivesse realidade porque não se articula a um significante, e a castração seria, nessa perspectiva, o signo da falta de um significante, aquele que daria conta de nomear A mulher.

Mas, de acordo com Lacan (2008 [1968-69], p. 324), é a histérica que, ao idealizar a mulher e recusar o falo, promove o ponto no infinito do gozo como absoluto, o que a torna sexualmente recalcada, ou assexuada. Como vimos, o gozo feminino também depende do significante na medida em que se articula como um mais-além do significante. Portanto, é preciso estar atento à diferença entre a natureza do gozo feminino e A mulher como a histeria a quer postular. Sobre a existência da Mulher, Lacan (2009 [1971], p. 69) afirma que isso é um sonho de mulher. A operação simbólica que implica uma redução do gozo não recobre de significação o feminino, demonstrando que o significante é, em relação ao real, incompleto, ou impossível. Não é outro o motivo para que haja repetição significante, ou seja, saber articulado e incompleto em busca do gozo. Com essa consideração sobre a relação entre a histeria, o feminino e o saber, podemos retornar ao momento em que Irma, no sonho, tem a sua sexualidade investigada por Freud.

É importante estarmos atentos ao fato de que não é só Irma que se sente mal com o exame, expressado com o sentimento de pudor, já que Freud é tomado pelo horror e uma forte angústia quando encara a garganta da paciente. Também não podemos nos esquecer da histeria das pacientes em questão na imagem de Irma no sonho. Por um lado, o horror de Freud e, por outro, o pudor de Irma. Por detrás da boca cerrada da paciente, Freud provavelmente tenha se deparado não apenas com o corpo em sua função puramente fisiológica, porque não sexualizado pela operação fálica, mas também com uma infestação de gozo. O saber que se articulava livremente nas construções de um pesquisador afoito e apaixonado choca-se com o seu limite. Neste momento, temos o encontro entre o saber e o gozo marcado pela ausência de representação. Questionamos se o pudor que faz Irma esconder o seu sexo não seria uma reação diante de um saber insistente em decifrar o gozo feminino pelo viés da crença no significante completamente fálico. Talvez o horror atribuído ao sexo feminino não seja próprio de sua natureza, mas apenas consequência de uma posição pretensiosa do saber que quer eliminar o real. E, por outro lado, em uma perspectiva diferente, questionamos se a impossibilidade de reconhecimento da garganta de Irma, ao invés de ser condicionada pelo uso de um saber que se quer total, não se deve a uma absolutização do gozo. Nesta última perspectiva, por mais escandido que fosse o significante diante da garganta, ele nem ao menos se aproximaria da imagem de horror em questão.

A posição do saber diante do feminino poderia então seguir vias distintas. Por uma via, um gozo idealizado na suposição de uma verdadeira mulher que figura para a histeria, e que, como tal, abala a potência da articulação significante causando o horror pela falta de representação. Neste sentido, o saber se toma como potente diante do real, que quer determinar por completo, tal como a ciência¹⁰. Por outra via, o sentimento de culpa diante da constatação de que o falo não foi o bastante diante do gozo feminino e que, assim, foi ultrapassado. Mas por outra via ainda, a constatação de que se o feminino não encontra representação não é devido nem à insuficiência do saber e nem à sua própria magnitude, mas sim à impossibilidade inerente e essencial do saber que se alimenta da lacuna deixada pela divisão do gozo. Se o mutismo de Irma paralisa a articulação significante por recusar a lacuna e a falha do saber, então, é por que a articulação depende dessa lacuna.

¹⁰Tanto a ciência, pelo menos a antiga, quanto a histeria são engendradas pelo Um, ou seja, pela crença na reciprocidade entre o que pensa e o que é pensado (LACAN, 1985 [1972], p.174). Sobre a relação entre a histeria e o discurso da ciência, ver, por exemplo, *Televisão* (LACAN, 1993 [1974], p. 40).

Quando Lacan aponta a impossibilidade ligada ao feminino, ele o faz considerando uma categoria universal para a mulher, ou seja, que a tomasse toda e que incluísse todos os seres deste sexo¹¹. Neste sentido, podemos afirmar que Lacan verifica a incompletude do significante quando ele tenta aplicá-lo ao gozo feminino. A representação é malograda, o que estabelece a necessidade de que o significante se repita. É essa repetição que produz o gozo e, ao invés de uma concepção em que o gozo é primário à linguagem, em *O Seminário livro 20: Mais Ainda* (1972-73), temos a idéia de que nada existiria sem a linguagem. Agora, neste contexto, entende-se que é o significante que produz o gozo, que já nasce dividido, como é também o que especifica o real. Portanto, na medida em que nossa realidade se limita à linguagem, o gozo depende também da função do significante.

Se até o *Seminário 17* Lacan trata a sexualidade feminina escrevendo *A mulher*, enfatizando que ela não existe, no *Seminário 20* ele trata de escrever *a mulher*, aproximando-a da verdade que não se pode dizer toda e, mais uma vez, questiona o significante universal, ou seja, que se aplica a todos, abrindo uma lacuna irreparável no saber totalizado e totalizante. A consequência é a abertura da possibilidade de que o feminino pudesse ser verificado no particular de cada caso. A impossibilidade seria referente à pretensão de um saber universal localizada no não fechamento do conjunto das mulheres, que permanece aberto para acolher sempre uma a mais, incluindo o novo, o imprevisível e o diferente: “Não há *A mulher*, artigo definido para designar o universal” (LACAN, 1985 [1972-73], p. 98). A partir daí, tudo o que se refere à mulher, será dito considerando o *a* que enfatiza que ela não é toda¹².

É através da lógica aristotélica que Lacan chega à formalização do feminino, nomeando essa categoria através da lógica do não-todo. O constrangimento de Freud ao tentar produzir saber sobre o feminino não intimidou Lacan. Se aquele ficou horrorizado, inibido diante da mulher e da lacuna na articulação simbólica, este foi teimoso ao seguir em frente insistindo em teorizar o feminino. A justificativa para continuar tratando a questão do feminino através de um esforço simbólico é o entendimento de que somente a partir da lógica e da escrita é que se pode delimitar a categoria do impossível que vincula a mulher e o gozo como sinônimos do inominável: “O real só se pode inscrever por um impasse da

¹¹LACAN, 2009 [1971], p. 102.

¹²LACAN, 1985 [1972-73], p. 99.

formalização” (LACAN, 1985 [1972-1973], p. 125). Essa posição de Lacan sugere, no nosso entendimento, que o importante não era tanto o desenvolvimento do saber, e nem a oposição entre a presença do saber e a sua ausência, mas sim colocar em evidência a falha inerente ao saber e a disfunção na representação.

A lógica utilizada por Lacan é a de que o conjunto só se sustenta a partir de um ponto que fica exterior a ele. Ele explica que, de um lado, a posição masculina é classificada com uma propriedade universal, ou seja, que fecha o conjunto de todos os homens, porque existe ao menos um que nega tal propriedade. Assim, todos os homens são castrados, exceto um, a exemplo do pai primevo do mito de *Totem e Tabu* que funda o clã a partir de sua exclusão dele. Enquanto os filhos são todos castrados, ou seja, devem renunciar a uma parte do gozo, o pai é aquele a quem não se aplica a regra da castração na medida em que ele goza ilimitadamente de todas as mulheres. Isso, a exceção à regra, é o que facilita a identificação da posição masculina para todos os homens, enquanto, por outro lado, a posição da mulher faz parte de um conjunto aberto, o que a coloca na categoria do não-todo.

Do lado da mulher, não podemos dizer da existência de uma que negue a propriedade castrado, e isso impossibilita a identificação de uma essência de mulher, que todas elas portariam. Mas, se a mulher é castrada, pois já nasce sem o objeto de identificação sexual, ela não é toda castrada, porque a mulher reivindica um substituto fálico, assim, ela se insere na função fálica, mas se desdobra em outra parte que ultrapassa o falo. Quando Lacan afirma que a mulher é não-toda, e que é por isso que não podemos dizer A mulher, numa referência ao universal dessa categoria, está em questão um raciocínio puramente lógico que delimita um gozo intruso que, em relação a tudo o que opera na função simbólica, pode ser considerado da ordem do infinito, tomado como infinitas possibilidades. Se o feminino encontra alguma representação, esta terá como índice a incompletude e o campo aberto à variabilidade, à contingência do caso a caso, mas não ao absoluto, pois sua natureza é de algo que passa pelo significante e escapa pela sua falha, isso é o que Lacan (1985 [1972-73], p. 100) procura dizer: “Não é porque ela é não-toda na função fálica que ela deixe de estar nela de todo. Ela não está lá não de todo. Ela está lá à toda. Mas há algo a mais”.

Assim, a conceituação da mulher é dada pela formulação do não-todo fálico como gozo suplementar ao falo, ou seja, que passa por ele sobrecarregando-lhe as capacidades de significação até que, não cabendo todo ali, divide-o escapando em direção ao além do que é

possível saber via simbólico. Desse modo, o saber é sempre incompleto e dividido quando se considera a sua relação com o gozo. A consideração da mulher como correlato ao não-todo reforça a idéia de que a impossibilidade que recai sobre o feminino refere-se à falácia de uma representação universal, e isso significa que qualquer que seja a propriedade conferida à mulher haverá sempre algumas a quem não se poderá aplicar tal propriedade. Qualquer representação inventada para fixar o gozo feminino será sempre uma parte fálica e outra além do falo.

A consideração do feminino na experiência inaugural de Freud com o sonho da injeção de Irma, e no centro do ensino lacaniano, não poderia deixar de trazer consequências para o saber implicado na Psicanálise. Agora podemos entender que a representação simbólica não recobre todo o real da experiência sexual devido ao efeito do gozo feminino. Uma parte do real da experiência é traduzida pela operação do falo, mas outra parte segue obscura. Sendo assim, a categoria do não-todo seria inerente à própria função de representação simbólica, pois a incidência do significante divide o gozo, o que torna o simbólico sempre em defasagem com a coisa a ser significada. O real ultrapassa através dessa carência do significante, e é isso justamente o que faz com que haja articulação significativa continuada em busca de um maior alcance da significação através da construção do saber. A representação, tal como a Psicanálise a entende a partir da consideração do inconsciente, é instável, pois se divide pela intrusão do gozo que traz a insistência de um duplo sentido como sinal de que algumas coisas a serem articuladas não foram alcançadas pela significação enunciada.

Freud teve o mérito de trazer ao conhecimento do público a incidência de uma função de representação que, marcada por certas falhas de transcrição, não aborda diretamente, por exemplo, o feminino. Lacan, diante de tal obscuridade, força a lógica buscando localizar seu limite, atribuindo a esse mesmo limite a categoria do gozo feminino que causa uma disfunção no saber que marca a sua própria função enquanto saber em jogo no inconsciente. Freud apontou, mas não perseguiu essa lacuna, considerando o feminino como um rochedo intransponível.

2.4 - A morte em associação com o impossível de saber

Além de comparar a resistência de Irma com a de outras mulheres, Freud, em sua análise do sonho, constrói a figura dela também através das condições de sua saúde. Ele identifica nela a sua esposa, tanto pelo seu caráter de acanhamento que a torna inacessível, quanto por suas dores no abdome, sintoma presente, também, na paciente do sonho¹³. Como vimos no primeiro capítulo, Irma representa a paciente de Freud que Fliess, ao operar, deixou muito próxima da morte por ter esquecido em suas cavidades nasais uma tira de gaze. Outra recordação de Freud em torno do estado de saúde de Irma é a sua paciente que sucumbiu ao veneno sulfonal e que tinha o mesmo nome de sua filha mais velha, Mathilde, que teve uma doença que poderia ter sido mortal. Lacan (1985 [1954-55], p. 208), sabendo da comparação realizada por Freud entre Irma e outras mulheres que estiveram em péssimo estado de saúde, afirma que o órgão sexual feminino representado pela garganta de Irma no sonho remete à imagem da morte, de onde tudo sai e aonde tudo vem acabar-se. Outra indicação que reforça a apresentação da morte no fundo da garganta de Irma é a indicação de Oscar Cesarotto (1989), que inclui ainda, na figura de Irma, Fleischl-Marxow, o amigo e paciente de Freud que morreu em decorrência da aplicação de injeções de cocaína.

Por conseguinte, as associações de Freud em torno da imagem aterradora impressa no fundo da garganta de Irma sugerem que a falta de representação se desloca para a representação da morte. A ausência de representação e a representação da morte se mesclam como sinônimos do inominável. Se a morte tem tanta importância para os seres falantes é porque ela nega o discurso, mutismo que quebra a espada da palavra. O saber encontra seu limite diante da morte: “a morte, para quem quer que seja, é, propriamente falando, incognoscível” (LACAN, 1992 [1969-70], p. 116). Na tentativa de decifrar a mulher, Freud encontra a morte como silêncio que faz barreira ao saber e ao tratamento. A morte é o limite intransponível da medicina, e é ela que tal saber procura adiar, mas sobre a qual não tem o controle absoluto. Quando, enfim, Irma abre a boca, esta se mostra insondável, e as associações freudianas que se seguem remetem, mais uma vez, aos tratamentos mal-sucedidos

¹³ FREUD, 1972 [1900], p. 119.

que resultaram na morte dos pacientes. Como se não bastasse a dificuldade de iniciar o exame da garganta, quando este começa, o que se vê é uma imagem irreconhecível e assustadora.

Como vimos na discussão sobre o mito *Totem e Tabu*, o conceito de gozo serve também para aproximar A mulher – na forma do gozo de todas as mulheres – e a morte como signos de impossibilidade. Percebe-se que A mulher é tomada como gozo impossível. Outra forma de desenvolver a associação entre a morte e o gozo é através de uma análise do princípio de prazer. Na perspectiva de Lacan (2008 [1968-69]), o princípio de prazer tem o sentido de uma proibição de qualquer excesso de gozo para manter o equilíbrio do aparelho, mas como sabemos, esse princípio comporta uma brecha deixando um acesso ao gozo. Foi este além do princípio de prazer que desembocou na conceituação da pulsão de morte como tendência do organismo a retornar a um estado original inanimado. O princípio de prazer, ao comportar esta brecha que deixa um acesso ao gozo, apesar de indicar uma renúncia ao excesso de gozo, é associado à operação fálica que também depende de uma renúncia a parte do gozo. E a operação fálica comporta um gozo a mais. Portanto, a subtração de gozo não parece ser definitiva, deixando no horizonte a perigosa esperança de um gozo absoluto.

De acordo com Lacan (2008 [1978-69], p. 311), o gozo sexual “tem o privilégio de que alguma coisa no princípio do prazer, o qual sabemos constituir a barreira ao gozo, mesmo assim deixa um acesso a ele”. Mas, para além do gozo sexual, limitado e franqueado pelo princípio de prazer, resta um gozo que se repete, ultrapassando os limites impostos pelas tensões usuais da vida. A indicação é de que a morte que se apresenta como incognoscível no fundo da garganta de Irma seria equivalente a uma infestação de gozo: “Pois o caminho para a morte – é disso que se trata, é um discurso sobre o masoquismo, o caminho para a morte nada mais é do que aquilo que se chama gozo” (LACAN, 1992[1969-70], p.16). A opacidade da garganta de Irma seria decorrente do excesso de gozo, e o seu pudor, ou certo sentimento de vergonha, um sinal de que a lei de renúncia ao gozo não foi respeitada. E talvez a imagem da morte que aí se apresenta, para Freud, seria uma conseqüência do sentimento de culpa que seria instaurado pelo próprio aparelho psíquico ao constatar que o limite está sendo ultrapassado. De qualquer forma, a morte, ou o gozo atribuído à Mulher, estão todos em relação com o além do significante por detrás da boca cerrada de Irma.

2.5 - O saber no real

A noção do impossível, que é decisiva para o entendimento da relação entre a opacidade da garganta de Irma e a inauguração da articulação significante, ressurgue com frequência no ensino de Lacan, no qual é então concebido como “o limite pelo qual se instaura, através do simbólico, a categoria do real” (LACAN, 2003, p. 415). É importante ressaltar que essa noção não se encontra em Freud e que estamos apenas utilizando os termos de Lacan para tentar esclarecer o que se passou na experiência freudiana do sonho da injeção de Irma no que se refere aos impasses e à mobilização do saber aí vislumbrados. Pois bem, o real, em associação com o impossível que marca o gozo feminino como limite do simbólico, também está presente na garganta aterrorizante de Irma. No *Seminário 2*, Lacan (1985 [1954-55, p. 209) associa a garganta de Irma com a revelação “do real sem nenhuma mediação possível, do real derradeiro”, dando a entender que o real se apresenta já no início da Psicanálise, e não apenas no final do ensino lacaniano. Ele já estava presente na experiência inaugural de Freud como impossibilidade imposta ao saber pelo limite lógico da dimensão simbólica. É o real que faz com que, através da instabilidade do sentido, seja impossível demonstrar como verdadeiro o registro de uma articulação simbólica¹⁴.

No *Seminário 17*(1992 [1969-70], p. 151) ao questionar os pressupostos que a idéia do conhecimento implicava, e ao afirmar no texto *Radiofonia* (2003 [1970], p. 432), que o inconsciente subverte ainda menos a teoria do conhecimento na medida em que nada tem a ver com ela, Lacan caminha para a formulação radical do real como algo que não é nem cognoscível e nem incognoscível¹⁵. Definitivamente não se trata, na conceituação do real, de algo da ordem do conhecimento. Lacan, então, identifica um saber que difere do conhecimento, e conclui que sua origem e sua finalidade dependem do real tal como a série dos números inteiros. Ou seja, o maior número da série dos números infinitos não pode ser postulado e por isso fica excluído, e como não-sabido, é da ordem do real: “É da impossibilidade de escrevê-lo, que toda a série dos números inteiros extrai o fato de não ser a

¹⁴ LACAN, 1992 [1969-70], p. 164.

¹⁵LACAN, 2003 [1970], p. 406.

simples grafia de uma coisa que pode ser escrita, mas de ser algo que existe no real” (LACAN, 2008 [1968-69], p. 319). É da impossibilidade de escrever o real, corolário do infinito, que surge a existência de um saber que existe no real, e que, como tal, não é conhecimento, mas sim escritura.

De acordo com Miller (1993), diante da impossibilidade de saber o último número da série infinita dos números inteiros, Cantor¹⁶ postula-o escrevendo *Aleph 0*. A invenção deste significante é legítima porque, embora não possamos saber o infinito que ele representa, sabemos que ele existe em um lugar que não podemos alcançar. A fixação desse elemento não-sabido através de um significante, ao qual se atribui a sua representação, permite a escrita do conjunto dos números inteiros. Trata-se de dar a esse elemento uma cifra que, ao ser escrita, desdobra o restante da série. O saber que permite escrever tal série também existe no real como um saber que não sabe de si, que não se contém todo, já que parte dele permanece exterior, não abarcada.

Podemos entender que o infinito que inquieta Cantor é equivalente, na Psicanálise, à experiência de intrusão da sexualidade sem mediação simbólica possível, já que o catálogo dos modos de relação sexual é ilimitado, e não há programação prévia que ensine o sujeito a lidar com ela. O sujeito, diante do sexo, pode ser cativado por infinitos objetos, um pé inclinado, um lingerie, um brilho no nariz, um aperto de mão, etc. De acordo com Jean-Claude Milner (1996, p.55): “A Psicanálise é em seu âmago uma doutrina do universo infinito e contingente. Assim se esclarece uma doutrina da morte e da sexualidade”. Diante do infinito contingente, ou seja, que apresenta uma infinita variabilidade, tal como o sexo e a morte, o sujeito escolhe um significante dentre o “enxame” de significantes ofertados pelo universo simbólico. Esse significante privilegiado incide sobre o real fixando o infinitamente variável através de uma rede simbólica. A partir daí, desdobra-se uma cadeia de significantes que é inaugurada no inconsciente estabelecendo para o sujeito uma ordem, ou seja, uma referência para a sua relação com o sexo. A sexualidade deixa de ter a forma perversa

¹⁶Georg Cantor (1845-1918) revolucionou o pensamento matemático ao propor que existiam diferentes tamanhos de conjuntos infinitos, por exemplo, o conjunto infinito dos números entre 0 e 1 é maior do que o conjunto infinito dos números inteiros. Tanto o menor quanto o maior número não podiam ser fixados, e para estabelecer uma ordem entre os diferentes infinitos de modo a poder contá-los, Cantor inventa o Aleph 0 como base de toda a cadeia dos números. Chega-se à série somando Aleph 0 +1, e assim por diante. O resultado final é uma série que elimina o infinito dos números fracionados que existiria entre um número inteiro e outro.

polimorfa da infância anterior para ser contida pela estrutura simbólica. No entanto, uma parte da sexualidade, como real, permanece como impossível de saber.

Voltando à operação do recalque, a falta de recursos simbólicos para nomear a experiência sexual, e a defasagem da representação acionada posteriormente em relação àquilo que ela deveria representar, não se devem somente à prematuridade biológica da infância ou à insuficiência do saber até o momento constituído, isso ocorre como processo natural de instalação da cadeia significante marcada inicialmente por uma impossibilidade vinda do real. Lacan (2008 [1968-69], p. 322), no *Seminário 16: de um Outro ao outro*, propõe que o tempo de eclosão da sexualidade seria sempre prematuro em razão da impossibilidade instaurada no simbólico pela presença do real. A experiência que traz uma lacuna no discurso a partir do primeiro momento da operação de recalque é assimilada através de um significante, ao qual se atribui a conotação sexual que estava impossibilitada de aparecer inicialmente. Esse significante, escolhido tal como Cantor inventa o *Aleph 0*, é recalcado porque remete ao inassimilável da sexualidade e, assim, instaura um saber como série significante que repete o não-sabido em seu interior. Na matemática, entre um número inteiro e outro, temos um conjunto infinito de números fracionados que, por conveniência do pensamento, não incluímos na conta. Portanto, no saber que toca o real permanece esse ponto incongruente que alterna a presença e a ausência do impossível. Percebe-se, além disso, que o primeiro elemento da série, que cifra o infinito, é fruto de uma invenção, ou de uma escolha da qual participa o sujeito.

Ao se interessar pelo saber que torna possível a escrita do infinito através da série dos números inteiros, a Psicanálise, ao invés de se opor à ciência com a justificativa de que esta nada quer saber da verdade, interessa-se pelo que a ciência tem de positivo. Chegamos a uma nova fronteira entre a Psicanálise e a ciência a partir da consideração do saber no real e da sexualidade como sinal do infinito. No *Seminário 17* Lacan (1992 [1969-70], p. 46) conclui que o saber em jogo na repetição observada na clínica psicanalítica é o mesmo saber dominado, articulado por necessidades formais da lógica moderna. A partir daí, como vimos no final do primeiro capítulo do presente trabalho, a ênfase da Psicanálise foi depositada na escrita, uma escrita não literária, pois guarda a forma do saber científico.

Se a Psicanálise, em busca de um saber que escreve a sexualidade como infinito e como real, toma para si os objetivos de um discurso, o científico, que elimina a verdade,

como fica a sua relação com a verdade? É sobre esta questão que incide a afirmativa de Lacan (2009 [1971], p. 27): “O que nos concerne, quanto a nós, é o campo da verdade”. A Psicanálise não se reduz inteiramente aos objetivos científicos, pois vai continuar lidando com a verdade como sinal de uma disfunção na articulação algébrica do semblante, demonstrando que não se controla totalmente o real como a ciência, ideologicamente, almeja controlar. Embora tenhamos semelhanças entre a inauguração da cadeia de significantes no inconsciente e a incidência do saber matemático sobre o real, é necessária a localização também das diferenças, pois o que estamos buscando aqui é justamente esclarecer a especificidade do saber na Psicanálise em relação ao saber na ciência.

Acreditamos que a invenção do significante que fixa parte do gozo real, introduzindo-o no discurso, mantém relação com a verdade recalcada onde o saber vem alojar-se. Nessa perspectiva, defendida aqui, o estatuto da verdade aproxima-se do estatuto da representação acionada que é objeto do recalque e, também, do significante inventado para tentar reparar a falta de recursos simbólicos diante da morte e da mulher como signos do real. O efeito imediato desse significante privilegiado sobre o real é a rasura no gozo, em que se cria o lugar da verdade que causa a articulação significativa como forma de recuperação do gozo: “O saber, tal como produzido pela verdade, não é isso o que implica uma certa versão das relações entre o saber e o gozo?” (LACAN, 2008 [1968-69], p. 341). Assim, nas palavras de Lacan, a verdade é irmã do gozo, e isso nos faz pensar que, na Psicanálise, o estreitamento da relação entre o saber e o gozo através da verdade é o ponto principal de distinção entre Psicanálise e ciência. A ciência elimina a verdade para alojar o saber diretamente no real, mas a Psicanálise faz operar, na estruturação do infinito contingente, um sujeito que escolhe, que fantasia, que deseja e que goza, deixando livre um resto do real não contido pelo saber. Enquanto o *Aleph 0* escreve o infinito em uma série finita para logo depois ser eliminado e esquecido, a verdade continua agindo sobre o saber que promove, reintroduzindo o gozo como parte obscura e enigmática da articulação significativa.

No texto *Nota Italiana* (1974), Lacan (2003, p. 312) comenta seu novo entendimento da relação entre Psicanálise e ciência: “Existe saber no real. Ainda que este não seja o analista que tem de alojá-lo, mas sim o cientista. O analista aloja um outro saber, num outro lugar, mas que deve levar em conta o saber no real”. O entendimento é que a ciência visa ao saber no real, enquanto a Psicanálise visaria à verdade no saber, sendo a verdade atualizada

como uma falha no saber em função do efeito do real¹⁷. Na Psicanálise, o saber no real não substitui a verdade, mas ocupa o seu lugar, tal como Lacan desenvolve a noção de verdade no *Seminário 16*¹⁸ como um lugar vazado que delimita uma falha no saber, e no *Seminário 17*¹⁹ como um dos quatro cantos do discurso, abaixo à esquerda, fazendo um anteparo ao real onde o saber vem alojar-se. Enquanto a verdade cria a dimensão onde o saber se inaugura, ela própria se manifesta como efeito do real no saber.

Vê-se a importância de se distinguir, além de saber e verdade, verdade e real. O impasse no saber diante do real delimita o lugar da verdade como semblante, ou seja, como uma articulação de letras que embora seja mobilizada pelo real, adia o encontro com a impossibilidade: “Que o verdadeiro visa o real, este enunciado é fruto de uma longa redução das pretensões à verdade” (LACAN, 1985 [1972-73], p. 123). Poderíamos dizer que o semblante que situa a verdade é uma ficção, no sentido em que tenta remediar a impossibilidade de representação para o gozo ao inventar um anteparo, ou melhor, um significante que contenha o real. O saber com o qual a ciência lida ao eliminar a verdade, por sua vez, é fruto direto da impossibilidade vinda do real. Esse saber é descoberto pela sondagem do real sem mediações, com a técnica mais pura possível. A verdade, em comparação com esse saber científico, é impotente²⁰, e é assim que a sua relação com o real é marcada por uma redução de suas pretensões.

Pudemos, até aqui, acompanhar o desenvolvimento, no ensino de Lacan, de noções, tal como a noção do gozo além do falo e a do real, que possibilitam conjugar a inacessibilidade de Freud à garganta de Irma no sonho com o obstáculo irredutível ao “tudo saber”. Mas, como vimos, na Psicanálise, a falta do significante, bem como o real como infinito não-sabido, acionam uma cadeia significativa que adia o encontro com o impossível. No sonho, a lacuna vislumbrada por Freud como sinal do real na garganta de Irma pode ter sido experimentada como desconhecimento radical da causa do sofrimento da paciente, que continua doente apesar das várias soluções propostas, trazendo com isso a iminência da morte. Assim, a forma como o sonho é apresentado por Freud sugere que a verdade procurada é aquela relativa à causa da doença da paciente que, se fosse descoberta a tempo, poderia

¹⁷LACAN, 2003 [1970], p. 443.

¹⁸ LACAN, 2008 [1968-69], p. 58.

¹⁹ LACAN, 1992 [1969-70], p. 87, p.101, p.166.

²⁰ Sobre a impotência da verdade, ver LACAN, J. (1969-70) **O Seminário, livro 17: o avesso da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992,p.49.

retardar a morte da paciente, mas não eliminá-la. Finalmente, ele descobriu, quase por um *insight*, que a causa da doença devia-se a uma injeção de trimetilamina aplicada inadvertidamente pelo colega. Se Lacan nos indica que a verdade pode funcionar como anteparo simbólico que media o encontro com a impossibilidade que marca o saber no real, então, qual seria o estatuto da trimetilamina no sonho? Como verdade, ela toca em algo do real? Ela é da ordem da descoberta de algo que já estava lá recalcado, ou ela é uma invenção que funciona como suplência da falta de significante? Afinal, a trimetilamina é uma verdade ou funciona como saber? Buscaremos, no próximo capítulo, esclarecer a emergência da palavra *trimetilamina* no sonho como *a palavra* por excelência.

Capítulo 3

A emergência da fórmula simbólica da trimetilamina

“Vi a fórmula química dessa substância em meu sonho, o que testemunha o grande esforço por parte de minha memória” (FREUD, 1972 [1900], p. 125).

3.1 - A verdade como enigma que mobiliza o saber

Freud, no sonho e na sua vida desperta daquele contexto, está tão apaixonado pela pesquisa e afoito para saber, que ele não se detém na cena de horror da garganta de Irma. O mal-estar diante daquilo que ele viu como real atualizado pelo sexo feminino clama por uma mediação simbólica, ou seja, um saber que explicasse a infecção constatada e assim retardasse a morte iminente da paciente. Na segunda parte do sonho, Freud reveste a imagem assustadora da garganta de Irma com a fórmula química escrita da trimetilamina, que surge junto com a causa da doença da paciente. Lacan esclarece que essa fórmula, além de ter outras referências, é um elemento da decomposição do esperma e, por isso, se refere à causa sexual da doença de Irma. O que nos interessa agora, não é tanto a descoberta da sexualidade na causa da neurose, mesmo porque isso Freud já sabia. O nosso objetivo é investigar os fatores que criam condição para o investimento do sujeito na construção de um saber diante de um objeto desconhecido, tal como observamos Freud no sonho, em posição de ignorância e instigado com a opacidade da garganta de Irma.

De acordo com o próprio Freud, os enigmas do sexo são os principais motores do saber, ele enfatiza em seu texto *O esclarecimento sexual das crianças* (1907) que, quanto mais a verdade sobre o sexo é ocultada das crianças, mais se intensifica nelas o desejo de

conhecimento²¹. Alguma coisa deve faltar ao saber para que ele seja incitado e isso explica a inquietação de Freud em busca de uma referência simbólica para o que estava velado na garganta de Irma no sonho. Assim, o interesse intelectual da criança pelos enigmas do sexo e o seu desejo de conhecimento incidem, segundo a perspectiva freudiana, mais fortemente nas dúvidas e curiosidades a respeito do nascimento dos bebês e também sobre ter ou não um pênis. Freud usa o exemplo do pequeno Hans que, aos três anos de idade, pergunta à mãe se ela tem um pipi, e também ao pai ele perguntou diversas vezes. Hans observa também a irmãzinha, a vaca sendo ordenhada, a mesa e a locomotiva, procurando distinguir aqueles que têm o pipi daqueles que não o têm. Portanto, a existência de seres que não possuem um pênis representa um enigma sexual para as crianças que estão realizando suas pesquisas. Freud reafirma assim, através do próprio sonho e, depois, na teoria, a íntima ligação entre o sexo e a constituição do saber, e podemos enfatizar aí o papel do sexo feminino na medida em que marca uma diferença pela ausência do pênis.

Para Lacan, o objeto desconhecido responsável pela mobilização do saber recebe o estatuto de uma verdade. O enigma, como pergunta que nos força a responder, é um corolário da verdade como causa do saber²². A verdade é uma pergunta que desafia o saber, e podemos utilizar, como fez Lacan, o exemplo da Quimera no mito de Édipo para explicar tal concepção²³. A Quimera propõe um enigma ao homem Édipo que se assemelha a uma pergunta que já contém de forma enigmática a resposta, e cuja revelação libertaria Tebas da peste que a assolava. Assim, a função do enigma é um semi-dizer, ou seja, um dizer que se divide enunciando-se de forma obscura. Essa parte obscura é justamente a dimensão enigmática da verdade: “Em suma, o semi-dizer é a lei interna de toda espécie de enunciação da verdade, e o que melhor a encarna é o mito” (LACAN, 1992 [1969-70], p. 103). Baseando-se em Lévi-Strauss, Lacan conclui que o mito mostra a verdade em uma alternância de coisas estritamente opostas. Tal como a Quimera faz aparecer um meio-corpo pronto a desaparecer

²¹Aqui ainda não se tinha clara a distinção, na Psicanálise, tal como temos hoje devido a Lacan, entre saber e conhecimento, por isso o termo utilizado por Freud era “desejo de conhecimento”, querendo se referir à motivação da criança para empreender pesquisas, o que, quando adulto, mobilizará empreendimentos científicos. A principal diferença entre saber e conhecimento deve-se ao fato de o primeiro abolir as relações de semelhança especular e funcionar na base da relação de diferença do significante, enquanto o conhecimento depende justamente dessas relações de similaridade, característica da ciência antiga, anterior a Descartes e Galileu. Cf. LACAN, 1992 [1969-70], p. 151.

²²LACAN, 1992, [1969-70], p. 96.

²³*Ibidem*, p. 34.

completamente logo que surge, a verdade está condenada a nunca poder ser dita a não ser pela metade.

A função do enigma ocorre de maneira semelhante a uma disfunção no simbólico que vai mobilizar o saber, ou seja, a articulação de significantes que busca resolver a aparente contradição. Michel Foucault, no seu livro *A verdade e as formas jurídicas*, enfatiza: “Édipo é aquele que conseguiu resolver por seu pensamento, por seu saber, o famoso enigma da esfinge” (FOUCAULT, 1999, p. 46). Para esse autor, a tragédia de Édipo é uma pesquisa da verdade que se dá por metades, pois, a cada revelação, fica faltando uma parte (*Ibidem*, p. 34). Foi preciso a reunião de Deus e do profeta, de Jocasta e de Édipo, do escravo de Corinto e do escravo do Citerão para que todas as metades e metades de metades viessem ajustar umas às outras para reconstituir o perfil total da história (*Ibidem*, p. 37). A verdade, de acordo com essa perspectiva, está condenada a só poder subsistir parcialmente e, segundo Lacan, isso se dá porque materialmente faltam palavras.

Procuremos entender a dimensão do enigma atualizado na garganta de Irma, agora, através da análise do mistério na forma de um gozo Outro que impõe um limite ao saber. A entrada do sujeito no campo da articulação significativa acontece com a exclusão de parte do gozo, que é marcada pela proibição fundadora. De acordo com Lacan (2008 [1968-69], p. 312), foi decisivo o passo dado por Freud ao revelar a relação entre a curiosidade sexual e toda a ordem do saber marcado pela falta de gozo. O gozo é recalcado porque ele traz uma desordem na sociedade e na estabilidade simbólica que provê o mundo de sentido. Mas, se para a fundação do sujeito de um saber é preciso que ele renuncie ao excesso de gozo, então, como podemos entender os efeitos do retorno do gozo? Na neurose, o que não encontra representação insiste em retornar ao simbólico e, ao parasitar o significante, o gozo causa ao saber uma inércia própria: “Se o gozo é proibido, claro que é apenas por um primeiro acaso, uma eventualidade, um acidente, que ele entra em ação” (LACAN, 1992 [1969-70], p. 47). Aqui não se trata de uma transgressão, pois, de fato, o que é produzido como *mais-de-gozar* no retorno do gozo é a repetição da marca negativa deixada entre a sua subtração e a sua produção. Segundo Jacques Alain-Miller (2000, p.99), a repetição significativa é condicionada e animada pela defasagem entre a falta de gozo e seu suplemento, já que o retorno do gozo não o recupera todo. Assim, é como se o saber repetisse o momento de sua fundação que

parte da marca negativa da exclusão do gozo, mantendo-se em busca do que continua perdido.

Ainda de acordo com a interpretação de Jacques Alain-Miller, em seu artigo “*Sobre o transfinito*” (1993), a redução do gozo necessária para a fundação do saber não o esgota todo e, assim, o objeto mais-de-gozar, atualizado na articulação significante, refere-se a um excedente do gozo que não foi trocado pelo significante. A tradução do gozo em saber, de forma a estabelecer o quadro da realidade, não se dá sem que uma reserva de gozo seja mantida intacta, funcionando como motor de continuidade da articulação significante. É aí que encontramos o mais-de-gozar como objeto paralelo ao saber que traz um sentido obscuro que é o da verdade: “É com o saber como meio do gozo que se produz o trabalho que tem um sentido, um sentido obscuro. Esse sentido obscuro é o da verdade” (LACAN, 1992 [1969-70], p. 48). Isso significa que o saber inaugurado trabalha em busca do gozo que ficou excluído da dimensão simbólica, mas o que ele de fato produz é a verdade como atualização da face refratária ao saber. A verdade como enigma, como sentido obscuro do gozo que desafia o saber, mantém a articulação simbólica funcionando a partir de sua impossibilidade, ou da não realização de seu intento. A articulação significante não alcança todo o gozo e, assim, é remobilizada de sua lacuna interior em uma meta impossível, que é a visada do gozo. O enigma, então, não se resolve completamente, não há solução sem erro. A lacuna permanece como disfunção e motor do saber na medida em que a conversão do gozo em significante deixa um resto em forma de semi-dizer.

3.2- A produção do saber no discurso da histeria

Não podemos desconsiderar o fato de que a posição de Irma no sonho também representa a histeria e que, provavelmente, isso tenha participado das condições de emergência da fórmula da trimetilamina como “solução” para o enigma que se presentifica o sonho para Freud. Lacan entende que, além da dialética com o gozo, o saber é efetivamente

mobilizado pelo discurso da histérica²⁴. Através da escuta interpretativa dispensada às pacientes históricas e, particularmente, através do caso Dora, Freud, apesar de tardiamente, percebeu que, por detrás do sofrimento dessas mulheres estava o enigma do órgão sexual feminino. Dora foi a paciente de Freud que, instigada pelo papel que a namorada de seu pai desempenhava para ele, desenvolveu sintomas históricos. A interrogação histórica sobre o valor da mulher na relação sexual faz com que Lacan localize a produção de saber nesse discurso. No *Seminário 17*, a histérica é apresentada justamente como veiculando um discurso que mostra o saber derrapando a partir do que ela, como mulher, pode abrir para o gozo que escapa da linguagem²⁵. A histeria coloca no horizonte do saber o gozo absoluto como ideal a ser alcançado, fazendo engatar uma articulação simbólica com a qual o sujeito nunca estará satisfeito com os resultados obtidos, já que o absoluto postulado pela histérica como meta do saber pressupõe, de saída, uma impossibilidade. O discurso da histeria constrói um homem movido pelo desejo de saber o que escapa²⁶. A relação da histérica com o gozo coloca uma barreira ao saber e, assim, instiga o seu parceiro.

Avançando na perspectiva apresentada no Capítulo 2 do presente trabalho sobre a não colaboração da paciente no sonho, aqui, a partir da consideração da histeria como discurso que faz o saber derrapar, levantamos a hipótese de que Irma mantém a boca fechada para desafiar o saber de Freud e, demonstrando que há um gozo ainda não alcançado, mantém instigado o pesquisador na produção de significantes. O desafio da histérica ao saber pode também ser ilustrado por uma paciente de Freud que lhe diz: “O senhor sempre diz que o sonho é um desejo realizado. Vou contar-lhe um sonho que é exatamente o contrário de um desejo realizado. Como vai acomodá-lo na sua teoria?” (ANDRÉ, 1998, p. 140). A histérica parece realmente nutrir uma insatisfação com o alcance do saber e, quando Irma se recusa a abrir a boca para protestar contra a função fálica de significação, ela aponta a impotência do significante diante do seu gozo. A histérica, então, deseja inserir o feminino dentro das referências do significante através da estruturação lógica de sua lacuna, ou deseja manter o feminino como inalcançável? Quando Irma resiste ao exame proposto por Freud, podemos pensar que ela não quer ter sua sexualidade inserida nas referências de um saber e, dessa

²⁴A suposição de um saber desconhecido pelo qual se busca é particularmente forte no discurso da histérica e, por isso, Lacan associa este discurso com a posição do analisante. Cf. LACAN, 1992, [1969-70], p. 31 e p. 73.

²⁵*Ibidem*, p. 32.

²⁶*Ibidem*, p. 31.

forma, ela está apontando a Freud o fracasso de seu saber e a impotência do falo diante da mulher. Nenhum saber produzido pelo mestre da histérica será suficiente diante do gozo que ela encarna. A mulher suposta pela histérica exerce a função de uma verdade a ser alcançada, mas que, como tal, apenas vela, por detrás da impotência do saber, a sua impossibilidade inerente.

Se a histérica constrói um homem movido pelo desejo de saber, então, no caso da Psicanálise, este homem foi Freud, que podemos pensar ter sido assim instigado a procurar por uma teoria que reordenasse a relação do sujeito com a verdade e com um saber que se mostra limitado. Freud é tocado pelo discurso da histeria e assim mobiliza-se em busca de saber o que restava como desconhecimento radical. De acordo com Serge André (1998, p. 66 e p. 75), Freud, diante do feminino interrogado pela histérica, desenvolveu progressivamente uma solução que culminou na consequência de não haver mais lugar, no sistema simbólico freudiano, para a lacuna inominável que havia impulsionado sua produção. Porém, tomando como referência o sonho com Irma, interrogamos se a fórmula da trimetilamina como emergência da dimensão simbólica que vem recobrir o real do gozo eliminaria a lacuna no simbólico. Acreditamos que se o encontro com o real inominável não tivesse tido consequência para Freud, então, não teria sido inaugurada uma relação inédita com o saber a partir dessa experiência.

A histeria exerce, sem dúvida, uma função essencial no movimento inicial da Psicanálise, na medida em que mobiliza aquele que supostamente detém o saber a criar representações diante do real. No entanto, Lacan nos aponta que é necessário um deslocamento nesse discurso para que o analista possa advir para além da esperança no saber. Parece que o avanço da Psicanálise não se deu por progressão da articulação significativa, embora Freud demonstre sua insistência com o saber. Acreditamos que foi pelo desdobramento das faces do saber diante do real, na dobradiça entre o que é passível de representação e o que não é, que Freud pôde realmente passar ao discurso da Psicanálise.

3.3 - A suposição de saber em Fliess

O sonho com Irma mostra a coragem de Freud em seguir adiante com seu desejo de saber na medida em que, conforme assinalou Lacan (1985 [1954-55], p. 198) no *Seminário 2*, ele continuou sonhando após o momento em que presenciou a terrível cena na qual a paciente abriu a boca e ele viu uma imagem assustadora de esbranquiçadas placas bacterianas. A Psicanálise envereda pelo desejo de saber ao provocar a passagem ao discurso da histeria. Mas Lacan nos alerta que a incitação ao saber não depende apenas da histerização do discurso. Tal investimento depende também da função do sujeito suposto saber, que, embora seja projetado na figura do analista, trata-se, no fundo, do código da linguagem pressuposto na sustentação da fala²⁷. A noção do conceito lacaniano de sujeito suposto saber diz respeito a um saber que, mesmo desconhecido, subsiste nas relações entre um significante e outro formando a estrutura da linguagem. Pela dificuldade de constatar a independência da significação que se deslinda autonomamente na articulação significante, o código para a decifração é atribuído a uma pessoa especial que é suposta detentora do saber. A construção de um saber que ainda não se sabe depende, então, da hipótese de um lugar no qual, supostamente, tudo se sabe.

A experiência da Psicanálise, sendo a experiência do inconsciente, foi inaugurada por Freud na busca por um saber desconhecido, e como não poderia deixar de ser, ele também teve seu sujeito suposto saber para incitá-lo nessa busca. O sonho com Irma, na medida em que reconstrói o cenário do movimento inicial da Psicanálise, nos traz indicações nesse sentido. Nas “*extensas crostas cinza-esbranquiçadas sobre algumas notáveis estruturas crespas*” que Freud vê no fundo da garganta de Irma, a única coisa reconhecível, ou seja, a única referência concreta é que, “*evidentemente, estavam modeladas nos cornetos do nariz*”. O mal-estar freudiano, conforme salientou Lacan (1989 [1954-55], pp. 197-198) é desencadeado pela falta de referente para a imagem insituável do órgão sexual feminino no qual haveria de ser localizada a causa da doença. As crostas, ou as estruturas crespas, não significam nada, são palavras genéricas. Notem que apenas os cornetos do nariz são

²⁷LACAN, 2008 [1968-69], p. 333.

identificados como tais, e que, sendo o nariz uma especialidade de Fliess, esse detalhe do sonho é uma referência ao seu saber de rinolaringologista.

Freud recorre à fórmula da trimetilamina como recurso para nomear o que vira e, em sua análise do sonho, relata que essa parte do sonho é também uma referência a Fliess, que compartilhara algumas idéias sobre a química relativa aos processos sexuais e mencionara a trimetilamina como um de seus componentes. Na investigação realizada por Freud no sonho com Irma, temos, então, dois achados, o nariz e a trimetilamina, retirados explicitamente do saber de Fliess. Diante da falta de referente para situar a garganta de Irma, ou seja, a sexualidade responsável pelo seu sofrimento, Freud busca o saber de Fliess na esperança de que aí pudesse encontrar uma resposta para esse enigma. Assim, Freud atribui a Fliess a função de sujeito suposto saber. O próprio Freud comenta que, diante de dificuldades nas suas formulações, ou quando só encontra críticas ao seu trabalho e ninguém o compreende, ele encontra refúgio no amigo Fliess.

No sonho com Irma, diante da conversa absurda que Freud presencia entre Otto, Leopold e Dr. M., ele sai de cena e depois retorna com uma referência ao saber de Fliess, como que para dar sentido à discussão. É interessante notar que esse direcionamento se dá no momento em que o saber dos médicos presentes na cena, incluindo aí o próprio Freud, mostrou-se falho e contraditório. A instauração do sujeito suposto saber em Fliess é correlato da falta do saber de Freud que, sem garantias, e um tanto inseguro, apóia-se aquele que sabe para sustentar sua busca que desemboca na fórmula da trimetilamina. Fica claro que essa falta de saber de Freud refere-se ao feminino, já que foi a sexualidade da mulher que lhe colocara em posição de ignorância e que era justamente sobre esse objeto que ele supunha que Fliess sabia. Temos aí duas condições combinadas para que o sujeito suposto saber possa motivar a perseverança do pensamento diante do desconhecido: do lado de Freud, a falta de saber e, do outro, a suposição de que o saber estivesse presente de forma idealizada.

É a convicção de que a causa das afecções mentais deve ser buscada na sexualidade que sela o encontro dos dois homens, Freud e Fliess. Tanto um quanto o outro desenvolviam uma teoria inovadora cujo cerne estava na sexualidade feminina, e foi na condição de alguém que também concorreu para a antecipação de uma ciência que este ajudou aquele exercendo a função de sujeito suposto saber. De acordo com Serge André (1998, p. 31), o laço entre Freud e Fliess é tecido em função de certa relação ao saber que, por tomar a sexualidade como meta,

se transforma em relação amorosa, na qual cada um se apaixona por aquilo que supõe no outro. A relação entre ambos perdurou e Fliess foi considerado como a inspiração de Freud na criação da Psicanálise, que escrevera cerca de 300 cartas àquele. Em uma delas, horas depois de seu sonho memorável com a injeção aplicada em Irma, Freud o tratava como seu “*daimon*”, seu destino, sua inspiração.

Sabemos que Fliess revelou um sistema de pensamento paranóico (cf. COTTET, 1989, p. 110). Reparem que, de acordo com Fliess, todo o universo é regulado pela periodicidade presente na menstruação. A partir desta lei, seria possível prever a totalidade dos acontecimentos. Com alguns cálculos, seria possível, inclusive, explicar que, se Napoleão perdeu as batalhas de Dresden e de Borodino é porque, em suma, ele estava com as regras naquele dia (cf. ANDRÉ, 1998, p. 35). Fliess foi considerado, ao menos aos olhos de Freud, um “especialista universal”, ou “o Messias”. No *Seminário 16* (2008 [1968-69]) Lacan procura mostrar o que há de louco na instauração do sujeito suposto saber. De fato, essa conceituação, a partir da consideração absurda de um lugar onde tudo se sabe, mantém relações com a ciência paranóica de Fliess. Exercendo a função de sujeito suposto saber, Fliess estimula Freud a seguir em frente com suas hipóteses, dando vazão às suas construções teóricas como se fosse possível significar todo o real. É justo o que Lacan chama de princípio da razão suficiente que sustenta um sentido até na mais insignificante articulação simbólica.

Em outras palavras, mesmo que não haja razão suficiente no que quer que vocês digam, ao não enxergarem mais longe do que dizer o que lhes vier à cabeça, sempre haverá nisso uma razão suficiente. É o quanto basta para colocar no horizonte o grande Outro, aquele que sabe (LACAN, 2008 [1969-70], p. 333).

Portanto, a função do sujeito suposto saber sustenta até mesmo a mais absurda das falas, ao proporcionar uma razão suficiente. É isso o que mantém, no processo de análise, a articulação significante em associação livre, na medida em que o sujeito é incitado a dizer tudo o que lhe passa na cabeça, e tudo o que o sujeito disser nessas condições poderá ganhar um sentido. De fato, acreditamos que Fliess ocupa para Freud o lugar daquele que o faz falar, a despeito da aparente incongruência e falta de padrão científico de suas formulações.

Apesar da influência de Fliess ser inegável, o sonho com Irma não mostra apenas a suposição de saber nele. Para zombar de Dr. M. no sonho, Freud o faz dar uma opinião que tem a lógica da hipótese segundo a qual a cura seria alcançada com a eliminação do excesso

de substância sexual do organismo²⁸. De acordo com Jésus Santiago (2001, p. 82), a hipótese de um elemento químico sexual responsável pela toxicidade da libido é concebida por Fliess. Assim, nessa parte do sonho, Freud usa uma referência ao saber de Fliess com uma conotação pejorativa, de crítica irônica, mostrando justamente a falta de sentido na lógica da descarga sexual pela intoxicação. Além disso, a própria trimetilamina também surge baseada nessa hipótese que estava sendo desbancada, já que representa uma substância química envolvida na descarga sexual (esperma). Desse modo, segundo Serge André (1995, 46), o sonho em questão deve ser lido tendo em vista a transferência de Freud naquele momento. “Este sonho, com efeito, significa para Freud aonde acaba o saber que ele supunha em Fliess, e aonde pode começar o seu próprio”. Se o sonho com Irma é parte desse processo no qual Freud se distancia da hipótese substancialista da libido em prol de uma consideração de operações simbólicas como idéia original para explicar a causa das formações inconscientes, e se a primeira hipótese representa o saber de Fliess, então, de fato, Serge André estaria certo ao supor aí a derrocada desse saber em prol da descoberta do saber freudiano do inconsciente.

Para além da refutação do saber de Fliess, o fato é que ele teve um papel importante na persistência de Freud no caminho em direção à construção de um saber inédito. Se este continua a sonhar mesmo após a cena traumática da garganta de Irma é porque ele tinha alguém em quem mirar-se. Ao contrário da interpretação de Serge André, Peter Gay (1989, p. 91) enfatiza que o sonho com a injeção de Irma “foi um enredo cuidadosamente construído, altamente intrincado, destinado, pelo menos em parte, a salvar a imagem idealizada de Fliess a despeito de alguma prova condenatória”. Portanto, temos, lado a lado, duas interpretações sobre o sentido da relação de Freud com Fliess, representada no sonho, que são aparentemente opostas. Na interpretação pela qual Freud se resolve, o sentido do sonho é preservar a suposição de saber em Fliess. A coexistência de um desejo de preservar a reputação de Fliess e de outro desejo que leva Freud a discordar dele demonstra, no mínimo, a ambigüidade dessa relação, como se no núcleo mesmo do sujeito suposto saber houvesse uma falha que aos poucos provoca a sua queda. Podemos dizer que Fliess sustenta o sentido e a razão da busca de Freud até o momento em que, atravessado o caminho, ele não será mais

²⁸Trata-se da opinião de que a paciente se recuperaria já que a toxina que lhe fazia mal seria eliminada. De acordo com a utilização das leis da termodinâmica aplicadas à fisiologia no entendimento da neurose, a intoxicação, ao causar a diarreia, devolve ao corpo o equilíbrio do sistema (homeostase), porque o excesso da toxina sexual seria eliminado também. Assim a droga responsável pelo estado de intoxicação serviria como um remédio. Cf. LACAN, 1985 [1954-55], p. 213.

necessário. É aí que vislumbramos a queda da própria trimetilamina no exato momento de seu surgimento. Se ela é uma verdade que foi descoberta para dar tratamento à falta de significante para o gozo feminino, e se ela de fato inaugura a Psicanálise em toda a sua especificidade em relação à ciência, então, ela deve conter em si a própria lacuna a partir da qual o real persiste incontrolável e imprevisível. A verdade que sobressai dessa relação não será sem falha, já que a trimetilamina é uma solução derrocada juntamente com a hipótese substancialista da libido, e é por isso que acreditamos que a trimetilamina não é totalmente eficaz no recobrimento do real.

As dissensões entre Freud e Fliess vão surgir e se acumular entre os anos de 1895 e 1898. O rompimento definitivo entre ambos se deu no verão de 1900, no congresso de Achense durante o qual Fliess ataca violentamente Freud, acusando-o de “ler seus pensamentos”, ou de não querer ler em seus pacientes senão seus próprios pensamentos. Fliess, que havia construído um sistema baseado exclusivamente na função materna, não reconhece a importância da função do pai na teoria freudiana do complexo de Édipo que começava a se delinear. Acreditamos que esse ponto de discordância também é fundamental para deflagrar a queda do sujeito suposto saber que, provavelmente, ocorreu em um momento de maior convicção de Freud em relação às suas hipóteses do inconsciente.

Embora Freud tenha vislumbrado a falácia do ideal de tudo saber, ele não se deteve no feminino como gozo para além do significante. No desenvolvimento de sua obra, Freud abandona a pergunta sobre o gozo feminino²⁹. O sonho da injeção de Irma, bem como os momentos iniciais da Psicanálise, ganha ainda maior relevância por indicar, na experiência do seu fundador, Freud, a abertura do inconsciente como saber que, embora traduza o real da sexualidade em elementos simbólicos, deixa intocada uma parcela irredutível do gozo. Em nossa perspectiva, esse ponto de impossibilidade do significante deve ser mantido e enfatizado na Psicanálise desde sua origem até os dias atuais.

²⁹LACAN, 1992 [1969-70], p. 67.

3.4 - Processos de formação simbólica no inconsciente

Freud, ao analisar o fragmento de seu sonho relativo à emergência da fórmula da trimetilamina, descobre o processo que faz com que ela apareça no sonho e conclui que aí se tem a condensação de grupos opostos de idéias. O primeiro grupo se liga ao amigo Otto, que fizera um comentário com Freud em tom de reprovação, em vigília no dia anterior, sobre o tratamento que ele dispensara à Irma. Esse colega também foi, no sonho, o responsável pela aplicação de uma injeção suja na paciente que piorou o seu estado de saúde. Freud se lembra de um licor que havia ganhado de Otto alguns dias antes e que cheirava muito mal, como álcool amílico. Freud, na ocasião, recusara-se a tomar a bebida, e quando a esposa disse que ia dar aos criados, ele disse que a eles a bebida também faria mal. Na interpretação de Freud, o “amilo”, presente nos pensamentos oníricos, foi transformado em “propilo” no conteúdo manifesto do sonho: “Sonhei com propílico depois de cheirar amílico” (FREUD, 1972 [1900], p. 124). Assim, o licor tóxico dado à família de Freud participa do processo de formação, no sonho, da injeção de trimetilamina aplicada por Otto. Sabemos que no elemento injeção também há a recordação do episódio da cocaína. Portanto, a trimetilamina que surge no sonho como a verdade procurada é, pelo menos em parte, fruto de um veneno. Afinal, ela funciona não apenas como mediação simbólica diante do desconhecimento da causa da doença, mas também como a própria causa da doença de Irma, que remete à morte e ao erro médico.

O segundo grupo de idéias se forma em torno da figura de Fliess, e é evocado positivamente contra o grupo associado em torno do amílico dado de presente por Otto. A substituição do amilo pelo propilo é o que, de acordo com Freud, possibilita a passagem de Otto a Fliess, já que a entrada no sonho deste último elemento se deu como um ato de conciliação e de intermediação entre os dois grupos opostos. Freud, ao se deter nessa palavra, lembra de Propileu, e conclui que Propileu não existe apenas em Atenas, mas também em Munique³⁰. “Um ano antes do sonho eu tinha ido a Munique visitar um amigo que estava

³⁰De acordo com o esclarecimento do próprio Freud, Propileu refere a um pórtico ritual calcado no modelo Propileu ateniense.

gravemente enfermo na ocasião – o mesmo amigo a que aludi inequivocamente no sonho por intermédio da palavra trimetilamina, que ocorreu logo após de propilos” (FREUD, 1972 [1900], p. 314). Assim, o complexo processo de formação da trimetilamina coloca em cena transformações simbólicas de grande relevância, correlatas ao processo de reação química, no qual determinados produtos tóxicos como a cocaína e o licor com cheiro de álcool amílico são depurados e reduzidos à essência de um elemento mais aceitável. Essa operação transforma um saber fracassado, que acumula uma série de erros em torno de Otto, em um saber idealizado, localizado em Fliess, que remete à sexualidade e oferece um anteparo ao insuportável da imagem obscura da garganta de Irma. Podemos dizer que a emergência da trimetilamina, ao revelar os processos simbólicos em ação no sonho, revela também a natureza do saber do inconsciente como contendo em si núcleos contraditórios como sinais da instabilidade do seu sentido.

Sobre a contradição de idéias que participam da formação de um único elemento do sonho, Freud considera que isso se deve ao fato de os pensamentos mutuamente contraditórios não fazerem qualquer tentativa de anular uns aos outros, e subsistirem lado a lado no inconsciente combinando-se para formar condensações. Assim, a trimetilamina, como produto de uma condensação, é naturalmente um representante que deixa o seu sentido escapar em várias direções, indicando uma disfunção na comunicação do seu significado. A determinação múltipla do conteúdo manifesto dos sonhos, de acordo com Freud, deve-se à necessidade de disfarçar, tanto quanto possível, os pensamentos oníricos através da condensação de elementos, que podem ser contraditórios ou não, de forma que, por detrás de um sentido aparente, há sempre um sentido velado que remete à dimensão da verdade.

É interessante notar também o modo como ocorre, no processo de formação do sonho, o deslocamento da significação entre os elementos participantes. Os representantes de maior valor transferem sua carga psíquica para representantes de baixo valor que, por esse motivo, têm acesso privilegiado para entrada no sonho. A palavra pode perder seu significado próprio para combinar diversos outros significados que, por sua vez, são relativos a determinadas quantidades de afeto. Dessa forma, os significantes que surgem no sonho funcionam também como suportes materiais daquilo que se quer representar, possibilitando combinações imprevisíveis como, por exemplo, uma casa com um barco no telhado, um homem correndo sem cabeça.

Para Freud, o sonho é como um rébus, e seus elementos podem ser traduzidos isoladamente por uma sílaba ou palavra, de forma a recompor o sentido geral da cena. No caso da trimetilamina, que já é uma palavra dada no próprio sonho, interrogamos: o que ela representa e como traduzi-la pela interpretação? Aliás, tal palavra é expressa como uma fórmula, ou seja, escrita por combinação de letras. A definição de rébus é de ser um jogo que consiste em representar palavras ou frases por meio de desenhos ou sinais. Dessa forma, o trabalho do sonho realiza uma tradução para a linguagem dos sinais e das imagens que devem ser tomados “ao pé da letra”. É como materialização da linguagem que deveríamos então tomar a fórmula da trimetilamina? Para além das conexões significantes que originaram a fórmula no sonho, apontando uma duplicidade de sentido, interrogamos o arranjo feito entre letras que, como tal, seriam referentes às fórmulas escritas do amilo e do propilo para além do sentido das palavras.

O processo de formação do sonho, de acordo com Freud, é determinado pelo deslocamento e pela condensação. O primeiro refere-se ao fato de que um elemento de valor reduzido no sonho possa tomar o lugar de um elemento essencial, transferindo para este sua intensidade psíquica. Isso significa que, para o inconsciente, os significantes são carregados de investimento libidinal. Os elementos do sonho não valem pelo seu sentido, mas pelo que eles carregam de intensidade psíquica. O processo de condensação, por sua vez, possibilita que um elemento manifesto do sonho possa reunir vários elementos latentes. No sonho com Irma, a própria Irma é um exemplo de elemento formado por condensação, já que representa ao mesmo tempo a si própria, a esposa de Freud, sua filha, e vários outros pacientes. A contribuição de Lacan a respeito de tais processos do sonho foi decisiva para o entendimento da natureza das ligações que regem as formações do inconsciente. Ao atribuir ao inconsciente uma estrutura de linguagem, afirma que o sujeito está vinculado a ela de forma irreduzível, querendo dizer com isso, que a verdade está na dependência do jogo de operações de linguagem operadas pelo inconsciente.

Portanto, os processos de formação inconsciente que Freud denominou deslocamento e condensação, Lacan designou como sendo operações de linguagem, respectivamente, a metonímia e a metáfora e, dessa forma, estabeleceu o inconsciente na dimensão “de um saber perfeitamente articulado, pelo qual, falando propriamente, nenhum sujeito é responsável” (LACAN, 1992 [1969-70], p. 73). Deixando a parte a questão da responsabilidade do sujeito

pelo saber que constrói o sonho, enfatizamos o trabalho simbólico do inconsciente que é realizado à mercê da intenção consciente. Para explicar a natureza dessas conexões significantes, Lacan vê funcionando, no mecanismo do deslocamento, uma figura de estilo, ou seja, um modo de expressão através da linguagem: a metonímia. Esse modo de figuração constrói o sentido a partir da estética do deslizamento de palavra em palavra. Assim, a metonímia é responsável pelo encadeamento entre os significantes no sonho, obedecendo às relações determinadas pelo saber inconsciente do sujeito que sonha. A linguagem que possibilita a leitura do sonho parte do pressuposto de que o valor do seu significante nada tem a ver com sua significação, pois esta desliza incessantemente, e nenhum dos elementos a encerra. No exemplo dado por Lacan (1998 [1957], p. 509), a expressão “trinta velas” assume o sentido figurado da multiplicação dos barcos, fazendo com que a parte seja tomada pelo todo. Já para a condensação, Lacan dá a definição de metáfora. Enquanto a metonímia funciona no deslizamento de palavra em palavra, a fórmula da metáfora é “*uma palavra por outra*”. É dessa forma que o saber inconsciente funciona ao estabelecer relações entre significantes.

A centelha criadora da metáfora não brota da presentificação de duas imagens, isto é, de dois significantes igualmente atualizados. Ela brota entre dois significantes dos quais um substitui o outro, assumindo o seu lugar na cadeia significante, enquanto o significante oculto permanece presente em sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia (LACAN, 1998 [1957], p. 510).

Lacan entende que, de fato, o sonho com Irma teve o mérito de revelar a Freud, através da emergência da fórmula da trimetilamina, a estrutura de linguagem em função no inconsciente, e afirma que aquilo que confere o verdadeiro valor ao sonho da injeção de Irma é a busca da palavra e a descoberta da estruturação simbólica do inconsciente. A indicação de Serge André é que de que trata, para Freud, nesse momento, de dar conta daquilo que ele percebeu no fundo da garganta de Irma, de trazer essa placa inominável para a rede fechada de uma fórmula simbólica cujo modelo o sonho lhe fornece. É interessante notar que essa mesma busca freudiana pela palavra resultou no *Projeto para uma Psicologia Científica*, no qual Freud resume em letras, fórmulas e esquemas, o funcionamento do aparelho psíquico. Fortalecendo essa hipótese, a correspondência com Fliess transmite a informação de que foi no dia 23 de julho de 1895 que Freud começou a escrever o *Projeto*, ou seja, no mesmo dia

em cuja madrugada o sonho memorável com a injeção de Irma adveio a Freud! Veremos que tipo de escrita simbólica a fórmula da trimetilamina oferece.

3.5 - A fórmula escrita e as funções da letra

É neste ponto, na emergência da fórmula da trimetilamina, que podemos interrogar a dimensão simbólica com a qual a Psicanálise procura resumir o funcionamento do aparelho psíquico acionado a partir do encontro com o sexo, quando se depara com o inominável e com o impossível de saber. O estudo do sonho, e particularmente a revelação dos mecanismos em torno da fórmula da trimetilamina, indica que a dimensão da linguagem em domínio no sonho requer uma consideração dos meios da figuração e mesmo da encenação. Afinal, o sonho é uma cena construída por elementos que são seus suportes materiais, e mesmo a palavra é vista por Freud escrita “*em grossos caracteres*” através do desenho da fórmula da trimetilamina. Lacan enfatiza em *O Seminário, livro2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954-55) que o sonho com Irma desemboca em uma fórmula escrita, para além do que se identifica como sendo a fala, como a fórmula através da combinação das letras AZ, C e H. No nosso entendimento, isso significa que a linguagem em jogo nas formações do inconsciente tem o seu valor na medida em ela pode ser vista. Ver a palavra na forma material poderia, de acordo com Lacan, configurar-se como um delírio, mas o que impede que no sonho com Irma realmente o seja é que Freud, apesar de estar sozinho confrontado com o mistério da emergência da trimetilamina, endereça-se à comunidade de psicanalistas compartilhando conosco a cena inaugural de abertura do inconsciente.

Assim é que, na ciência dos sonhos, trata-se da letra do discurso como dimensão que pode ser sentida na linguagem para além de sua significação³¹. É interessante notar o efeito extasiante da palavra que se baseia na fórmula química e que enfatiza as letras das quais é feita, do mesmo modo que, muitas vezes, pacientes se comprazem utilizando e repetindo significantes que nomeiam a fórmula de seus medicamentos.

³¹LACAN, 1998 [1957], p. 513.

No texto *A instância da letra no inconsciente* (1957), Lacan (1998, p. 496) não distingue claramente o significante da letra, mas afirma que, em se tratando do sonho, o que prevalece é o escrito em sua forma textual. Sendo assim, a trimetilamina tem um grande valor na revelação do segredo dos sonhos, na medida em que é um escrito, e é nisso que nos detemos agora. A fórmula escrita da trimetilamina surge no sonho com Irma em meio à balbúrdia das falas sem sentido dos confrades de Freud. Ele se retira dessa cena em que depois surge escrita, não sabemos por quem, essa fórmula. Lacan (1985 [1954-55], p. 202-204) aproxima a escrita da trimetilamina da passagem bíblica de *Mené, Thequel e Pharsin*. Trata-se de uma inscrição ameaçadora, feita por uma mão misteriosa no Palácio do rei Baltazar durante uma festa na véspera de sua ruína. O sujeito evade distraído com a festa, e na sua ausência, entra em cena um estranho que toma a palavra em sua forma escrita. A fórmula, qual um oráculo, surge misteriosamente em seu caráter enigmático, hermético. Lacan, aí, associa a fórmula com o sujeito fora do sujeito que designa a entrada *ex machina* da estrutura da linguagem, a partir da qual os sujeitos não são mais os mesmos. Assim, a fórmula escrita por uma mão desconhecida marca um limiar transposto repentinamente.

Nessa discussão, sobressaem duas importantes referências. A primeira diz respeito à forma misteriosa de como a fórmula aparece escrita, pois existe um desconhecimento fundamental em torno de como e por quem foi feita a inscrição oracular. Afinal, se o *eu* do sujeito Freud é abolido e se transforma no policéfalo que tem a ver com o acéfalo, fragmentado nos vários outros personagens do sonho, quem é que escreve a fórmula? “No momento em que a hidra perdeu as cabeças, uma voz que não é senão a voz de ninguém faz surgir a fórmula da trimetilamina, como a derradeira palavra daquilo de que se trata, a palavra de tudo” (LACAN, 1985 [1954-55], p. 216). Lacan (*idem*) enfatiza que, na análise que Freud faz, ele reconhece que o sonho diz algo que ao mesmo tempo é e não é ele. Nessa mesma direção, outro apólogo é utilizado para exemplificar o fato de que o saber de que se trata no inconsciente nada tem a ver com o conhecimento. Trata-se do sujeito que traz sob sua cabeleira o codicilo³² que o condena à morte, mas que não sabe nem o sentido e nem o texto, nem em que língua ele está escrito, nem tampouco que foi tatuado em sua cabeça enquanto ele dormia³³. Essa fala que está no sujeito sem ser a fala do sujeito, pertencendo-lhe, no

³² De acordo com a enciclopédia eletrônica on-line Wikipédia, o codicilo é um documento informal que encerra disposições de última vontade do codicilante.

³³ LACAN, 1998 [1960], p. 818.

entanto, traz a dimensão da escrita do inconsciente. Para Lacan (1998 [1954-55], p. 217), a conclusão de Freud é que “O criador é alguém maior do que eu. É o meu inconsciente, é esta fala que fala em mim, para além de mim”.

A segunda referência que se destaca diz respeito ao atravessamento, à transposição de um limiar. Seria a letra escrita responsável pela ponte que liga dois momentos distintos? Na passagem bíblica de *Mené, Thequel e Pharsin*, a inscrição separa o reinado e sua ruína. É através desse exemplo que Lacan nos aproxima do modo de emergência da trimetilamina como deslocamento de uma dimensão a outra. No sonho, tem-se a fala como a fala da comédia, da balbúrdia sem sentido. A fala é de certa forma desvalorizada ao ser enunciada pela corte de apelação: “Com este trio de palhaços, vemos estabelecer-se em torno de Irminha um diálogo descosturado, que mais se assemelha ao jogo das frases interrompidas, e até mesmo ao bem conhecido diálogo de surdos” (LACAN, 1985[1954-55], p. 199). O elemento simbólico, sob a fórmula da trimetilamina, transforma a fala ao intervir como um “terceiro regulador”, que deveria colocar entre os sujeitos a distância de certa ordem comandada. Se essa fórmula revela a Freud o processo de formação dos sonhos, então, parece que o saber que efetua a tradução de elementos latentes em elementos manifestos transforma uma dimensão de fala em uma dimensão de escrita. Essa, talvez, seria uma face do limiar transposto.

Em *O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante* (1971), Lacan (2009, p. 110) volta a discutir o que ocorre entre a escrita e a fala, afirmando que nada permite confundir, como se tem feito, a letra com o significante. A questão do atravessamento possibilitado pela emergência da fórmula da trimetilamina ganha um novo contorno. Aí fica claro que a função da letra na escrita é mediar a relação entre o saber e o gozo. “Entre o gozo e o saber, a letra constituiria o litoral” (LACAN, 2009 [1971], p. 110). É como se a letra condensasse o gozo fixando-o para poder abordá-lo. Portanto, o limite instaurado pela inscrição literal da trimetilamina indica que saber e gozo se encontram. Como vimos no capítulo anterior, o gozo, por não encontrar significante para representá-lo todo, divide o saber. O gozo deve ser excluído para a inauguração da articulação significante, mas ele retorna como um enigma, um semi-dizer. A letra, nessa perspectiva, responde a uma função para além da significação.

Para explicar o encontro entre saber e gozo possibilitado pela letra, Lacan diferencia o litoral e a fronteira. No primeiro caso, trata-se de territórios que não têm absolutamente nada em comum, como exemplo, terra e mar; a fronteira, por sua vez, simboliza que os dois territórios que se encontram são a mesma coisa, ou seja, terra. Lacan faz um jogo de palavra entre literal e litoral, para invocar o que no literal da linguagem faz litoral entre as dimensões distintas de saber e gozo. De acordo com Milner (1996, p. 105): “tudo o que concerne à letra será dito num vocabulário do encontro, da cunhagem, do contato, do entre-dois”. A letra vincula campos heterogêneos e, posteriormente, Lacan a utiliza para reunir as instâncias Real, Simbólico e Imaginário. No sonho de Freud com Irma acreditamos que a trimetilamina indica um ponto de passagem do significante ao gozo através do suporte da letra.

Assim, a fórmula da trimetilamina, enquanto letra, bem como o momento em que Freud a encontra, sugere que a dimensão simbólica descoberta em funcionamento no inconsciente vem tratar a hiância do encontro com o gozo representado pelo real da garganta de Irma. De fato, a palavra que invade o sonho trazendo a resposta procurada funciona como mediação e como anteparo simbólico diante da obscuridade assustadora do sexo. Serge André (1998, p. 65) se pergunta se a fórmula da trimetilamina funcionaria justamente como abreação que oferece um tratamento ao trauma. O autor se refere à primeira teoria de Freud sobre o trauma, apresentada nos *Estudos sobre a Histeria*. Para explicar esse mecanismo, Freud utiliza como exemplo casos em que uma pessoa sofre um insulto e não pode reagir. Nesses casos, a palavra é substituta da ação e, não raro, a única solução possível. Pela associação de uma palavra que se eleva ao estatuto do ato, a quantidade de afeto ligado ao acontecimento traumático é reduzida porque o excesso de carga psíquica é vinculado, ao passo que o insulto sofrido em silêncio é sentido como uma mortificação. Lacan, no *Seminário 16* (1968-69), interpreta o trauma como uma impossibilidade de saber o gozo Outro, que no capítulo anterior, através das indicações lacanianas, associamos ao gozo suplementar ao falo, gozo feminino. Aqui, as referências nos levam a concluir pela aproximação entre o gozo traumático, que clama por vinculação simbólica, e gozo feminino. A única solução diante desse gozo aparece no sonho de Freud com a injeção de Irma como sendo a palavra e, por isso, Lacan afirma que não há outra palavra-chave do sonho a não ser a própria natureza do simbólico.

A letra, como palavra que se eleva ao nível do ato, parece responder a uma função que é a de bordejar o real como gozo impossível de simbolização. O evento traumático, a eclosão da sexualidade e o excesso de excitação clamam por associações simbólicas que venham contornar a lacuna. Lacan (2009 [1971], p. 109) indaga: “A borda do furo no saber que a psicanálise designa, justamente ao abordá-lo, não é isso que a letra desenha?”. Neste sentido, a fórmula da trimetilamina, na medida em que funciona como articulação de letras, designaria a própria lacuna no saber. Inicialmente, localizamos a articulação algébrica como anteparo simbólico, e agora especificamos que tal solução simbólica diante do real apenas bordeja o furo no saber, e não o elimina.

A noção de umbigo do sonho, comumente definido como núcleo desconhecido em torno do qual giram as associações simbólicas, pode nos ajudar a entender este furo desenhado no saber. Freud (1969 [1900], p. 119) fala sobre o umbigo do sonho em uma nota de rodapé da *Interpretação dos Sonhos*: “Existe pelo menos um ponto em todo sonho no qual ele é insondável”. Assim, este ponto insondável, tal como a garganta de Irma, parece, de alguma forma, atrair as associações simbólicas para o seu entorno. Desse modo, o próprio sonho seria uma tentativa de delimitar os pontos de insuficiência simbólica na experiência do sujeito e a emergência da fórmula da trimetilamina no sonho com Irma mostra isso a Freud. Nesta perspectiva, a fórmula, bem como o umbigo do sonho, funciona como a verdade que causa as articulações simbólicas, delimitando uma falha no saber.

A persistência do umbigo do sonho faz notar a impossibilidade de que o saber assim articulado possa recobrir totalmente a lacuna do trauma. É disso que se trata nessa noção, ou seja, um núcleo que, por acionar uma cadeia de significantes em torno de uma falha no saber, nem por isso a tampona e, pelo contrário, apenas a bordeja, tornando-a ainda mais atuante. É dessa falha que brotam as associações, e nas palavras de Serge André:

Vê-se destacar, sob uma outra forma, a estrutura que aparecia no sonho da injeção de Irma – e mais precisamente na própria escritura da fórmula da trimetilamina – a de um umbigo (o núcleo traumático) para o qual convergem, progredindo por associações lógicas e reagrupando-se por temas, uma série de recordações (ANDRÉ, 1998, p. 77).

A fórmula simbólica escrita em letras surge como semblante no emaranhado do núcleo traumático do gozo³⁴. O semblante como resposta ao impossível é o único recurso por meio do qual designamos o que é da ordem do real. É pelo efeito de queda do semblante que podemos localizar o real, e isso ocorre na medida em que a articulação deixa lacunas não simbolizadas. Assim entendemos o trabalho insistente da Psicanálise com um saber que se mostra falho a cada tentativa de solução. A lacuna, ou seja, o ponto irreconhecível onde as articulações estancam, indica a insistência da verdade como efeito do real no saber. O semblante que toca no real como impossível parte da consideração de que há verdades que, logicamente, não se pode demonstrar. É necessário tentar abarcar a verdade através de um esforço de formalização para que a dimensão do impossível se dê na falha desta demonstração.

No *Seminário 17* (1969-70), Lacan já se debruçava sobre a formalização matemática como caminho para se delinear o real como impasse do saber, e foi a partir daí que os conceitos de letra e de real, de uma forma muito próxima, ganharam relevância na Psicanálise. Parece que Lacan precisou da letra para interrogar o significante diante do real e foi na matemática que ele encontrou uma nova forma de delimitar o núcleo de impossibilidade do saber.

Esta sustentação provém de que a matemática só pode ser construída a partir do fato de que o significante é capaz de significar a si mesmo. O A que vocês escreveram uma vez pode ser significado por sua repetição de A. Ora, esta posição é estritamente insustentável, constitui uma infração à regra em relação à qual o significante, que pode significar tudo, salvo, certamente, a si mesmo. É preciso se livrar desse postulado inicial para que o discurso matemático se inaugure (LACAN, 1992 [1969-70], p. 84).

Aqui temos a oposição do significante em relação às necessidades da formalização matemática, já que ele não tem a capacidade de identidade que tem a letra. De acordo com Milner (1996), a letra é idêntica a si mesma, possui identidade própria, e por isso é tão cara às fórmulas matemáticas. É assim que Lacan (1985 [1972-73], p. 161) conclui que “a formalização matemática é nosso fim, nosso ideal”. E se é assim, é justamente para delinear o limite do saber diante do real e provocar a sua queda— o que muito interessa à Psicanálise.

³⁴Sobre o conceito lacaniano de semblante ver final do primeiro capítulo desta dissertação, p. 39.

Vemos desdobrar, gradativamente, a natureza e a função da linguagem que constrói o saber do inconsciente. Por um lado, a linguagem que deixa escapar o gozo e, por outro, a letra que bordeja o gozo. Lacan afirma que nada autoriza-nos a decidir pela dimensão primária do significante e nem da letra, e enfatiza que o escrito não é linguagem. Lacan toma a providência de distinguir a natureza do escrito para evitar o risco de estabelecer uma linguagem sem furos. Se o escrito fosse linguagem, então, haveria metalinguagem através da qual se poderia fazer a suplência da falta de significante através dos recursos da letra: “A escrita, a letra, está no real, e o significante, no simbólico” (LACAN, 2009 [1971], p. 114). É importante enfatizar que no âmago da Psicanálise Lacaniana está justamente o furo na linguagem ilustrado pela impossibilidade de esgotar a significação através do significante. A novidade da letra não haveria de recobrir tal lacuna. A linguagem continua reduzida à função do significante e marcada pela falta de pelo menos um significante, e o avanço introduzido foi de considerar a letra a partir da análise daquilo que escapa à linguagem ao encontrar-se com o real. Porém, a letra apenas circunscreve os efeitos de gozo e, assim como o significante, também não é total em relação ao real.

A formalização promove o encontro com o real na medida em que, a partir da lógica, localizamos enunciados dos quais é impossível demonstrar sua veracidade ou falsidade. Assim, o saber não pode suprir a falta de significante, mas, ao contrário, acreditamos que seu efeito, pelo menos na Psicanálise, é de indicar a impossibilidade de apreensão total da verdade. E ao invés de procurar por outra verdade mais completa, na esperança de resolver o aparente engano do saber diante do real, trata-se de acolher a verdade tal como ela é, ou seja, aquilo que irreparavelmente falta ao saber.

O sonho da injeção de Irma, além de ser por si só uma pesquisa da verdade sobre a causa do sofrimento da neurose, também promove uma análise freudiana que se esforça para deslindar um sentido nas formações do inconsciente. Freud percebe que nas construções simbólicas do inconsciente ocorre uma desestabilização do sentido, de forma que a verdade perde aos poucos a sua consistência. O escrito aparece como o meio de se fazer a verificação dessa inconsistência, no sentido de que a fórmula da trimetilamina, baseada em uma lógica criticada pelo próprio Freud, demonstra o fracasso inerente à sua promessa de escrita sexual. “É por se promover em algum lugar uma estrutura de ficção, que é propriamente a essência mesma da linguagem, que pode produzir-se uma coisa que é essa espécie de interrogação, de

pressão, de constrição, que imprensa a verdade, se assim posso dizer, no muro da verificação” (LACAN, 2009 [1971], p. 124).

Se o significante, ao deslizar insistentemente, adia o encontro com o real, a letra, ao contrário, estabelece uma relação que é “*preto no branco*”. É por isso que a fórmula da trimetilamina como um arranjo de letras deve ter funcionado para Freud como demonstração da impossibilidade de se estabelecer uma verdade sem contradição sobre a sexualidade, e não como uma solução para a hiância da linguagem. Embora a inscrição, como verdade procurada, tenha a aparência de uma solução para o impasse da sexualidade na causa da neurose histérica, ela se revela instável, facilmente desbancada. Lacan (1992 [1969-70], 1992, p. 176) nos alerta que “a gente não se casa com a verdade; com ela, nada de contrato e menos ainda de união livre. Ela não suporta nada disso. A verdade é primeiro sedução, e para engrupí-los”.

A impressão que a discussão do presente trabalho deixa é de que a Psicanálise propõe o deslindamento da verdade que funda o saber responsável pela organização das relações do sujeito com o mundo, mas isso só opera na medida em que a verdade encontrada possa ser colocada em cheque através de uma tentativa de formalização com o uso da letra e, assim, deslocada, e não fixada. E o que colocar no lugar do vazio deixado pela derrocada da verdade? Resta a reinvenção de nova verdade, já que, quando se trata de sujeitos, precisamos de uma para fazer anteparo ao real.

Conclusão

Concluimos que a articulação significativa mobilizada por uma verdade do inconsciente relaciona-se de forma íntima e necessária com a lacuna irredutível da dimensão simbólica. A verdade que causa o saber é constituída por uma parcela voltada para o significante e outra parcela perdida no real. O sonho que nos orientou revela que o feminino, como gozo além do significante fálico, tem relação com a verdade como não-toda fálica, o que parece ter trazido consequências para o saber que se deslinda na Psicanálise. Neste sentido, a consideração do feminino, em analogia com o real, foi crucial para o estabelecimento de um saber não-todo, radicalmente incompleto, referente ao particular, e não ao universal. É neste sentido também que localizamos os efeitos da experiência de Freud com a cocaína ao descortinar a particularidade de cada organismo para além do saber universal da ciência.

No final do primeiro capítulo, quando o escrito foi enfatizado como estrangeiro ao intelecto, também no final do segundo capítulo, ao discutirmos a busca de Freud pelo que permanecia não absorvido pelo seu sistema de pensamento, depois na questão do feminino como gozo Outro, além do falo, e posteriormente na conclusão de que a fórmula da trimetilamina havia sido escrita por uma mão estranha, em todos esses momentos vislumbramos o atravessamento dos limites do saber em direção à outra face do simbólico. A insistência deste atravessamento nos conduz a uma lógica em que o dentro e o fora se encontram em continuidade, tal como uma banda de Möebius³⁵. Acreditamos que a redução do sentido vislumbrada pelo exemplo da história do caldeirão furado se deu muito em decorrência desta lógica que, no nosso entendimento, diz respeito ao suplemento, ou seja, aquilo que não deveria fazer parte do sistema, mas que é buscado para aí ser incluído. Tal lógica esclarece um pouco a natureza do saber como a Psicanálise propõe, e também delinea a relação desta com a ciência.

Se a ciência, tão interessada no saber que controla o real, excluiu a verdade para que se tornasse possível, a Psicanálise, por sua vez, faz o movimento de buscar a verdade que havia ficado esquecida para além dos limites do saber. E quanto mais progride nesta direção, mais o gozo, que também havia sido eliminado do campo do saber, retorna a ele como

³⁵A banda de Möebius é uma figura topológica onde o direito e avesso se confundem.

suplemento, causando uma disfunção no sentido. Tal disfunção refere-se ao surgimento da verdade nas falhas do saber. Sendo assim, é bem possível que a materialidade da verdade na Psicanálise, tal como questionamos no início desta dissertação a partir da afirmação de Lacan no texto *A ciência e a verdade*, seja referente à sua aproximação com o gozo e com a letra.

A formalização pelo uso da letra, tal como vimos na configuração que originou a fórmula da trimetilamina, revelou a especificidade do saber na Psicanálise na medida em que possibilitou não uma estabilização do sentido da articulação simbólica, mas, ao contrário, a interrogação e a derrocada da verdade. Questionamos se a formalização pode ser considerada uma especificidade do saber na Psicanálise já que, como vimos, ela caracteriza o discurso científico, especialmente a matemática. A definição lacaniana é que o saber refere-se à relação entre significantes, e não entre letras. Por isso, parece-nos que a interrogação da verdade através da letra, tal como Lacan sugere, parece ter sido possível através de uma aproximação entre Psicanálise e ciência.

Referências Bibliográficas

ALLOUCH, Jean. **Letra a letra – transcrever, traduzir, transliterar**. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1995.

ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

COTTET, Serge. **Freud e o desejo do psicanalista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1999.

FREUD, Sigmund. (1884) “Über Coca”, in FREUD, Anna & BYCK, Robert. **Freud e a cocaína**. Rio de Janeiro: Editora Espaço e Tempo, 1989.

_____. (1887) “Ânsia e temor pela cocaína”, in FREUD, Anna; BYCK, Robert. **Freud e a cocaína**. Rio de Janeiro: Editora Espaço e Tempo, 1989.

_____. (1891) **A Interpretação das afasias**. Lisboa: Edições 70.

_____. (1893) “Estudos sobre a histeria”, in **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. (1894) “As psiconeuroses de defesa”, in **ESB**, vol. III. Rio de Janeiro, 1980.

_____. (1895) “Projeto para uma Psicologia científica”, in **ESB**, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. (1896) “Rascunho K”, in **ESB**, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. (1900) “A interpretação dos sonhos”, in **ESB**, vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

_____. (1900) “A interpretação dos sonhos”, in **ESB**, vol. V. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

_____. (1906) “Delírios e sonhos na *Gradiva* de Jensen”, in **ESB**, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1907) “O esclarecimento sexual das crianças”, in **ESB**, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1908) “Sobre as teorias sexuais das crianças”, in **ESB**, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1914) “História do movimento psicanalítico”, in **Os pensadores** (coleção). Editora Nova Cultura, 2005.

_____. (1915) “O recalque”, in **Escritos sobre a Psicologia do inconsciente**, v 1, Rio de Janeiro: Imago, 2004.

_____. (1915-16) “Conferências Introdutórias sobre Psicanálise – Conferência I”, in **ESB**, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GAY, Peter. **Freud: uma vida para nosso tempo**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

JONES, Ernest. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

LACAN, Jacques. (1954-55) **O Seminário, livro 2: o Eu na teoria freudiana e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. (1972-73) **O Seminário, livro 20: mais ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. (1969-70) **O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. (1974). **Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____. (1936) “Para além do ‘princípio de realidade’”, in **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1957) “A instância da letra no inconsciente”, in **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1958) “A significação do falo”, in **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1960) “Subversão do sujeito e dialética do desejo”, in **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1966) “A ciência e a verdade”, in **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1966) “Do sujeito enfim em questão”, in **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1970) “Radiofonia”, in **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. (1982) “Nota italiana”, in **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. (1968-69) **O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. (1971) **O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MILLER, Jacques-Alain. “Os seis paradigmas do gozo”, in **Opção Lacaniana** – Revista Brasileira de Psicanálise, n. 26/27. São Paulo, abril, 2000, pp. 87-105.

_____. “Sobre o transfinito – em direção a um novo significante”, in **Opção Lacaniana** – Revista Brasileira de Psicanálise, n. 6, ano 1. São Paulo, 1993, pp. 1-5.

MILNER, Jean-Claude. **A obra clara – Lacan, a ciência e a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

SANTIAGO, Jésus. **A droga do toxicômano – uma parceria cínica na era da ciência**. Rio de Janeiro, 2001.